



Departamento de Sociologia

Desafeição Política na Europa:
dimensões, padrões e fatores explicativos

Diana Dias de Carvalho

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Sociologia

Orientador:

Doutor João de Freitas Ferreira de Almeida, Professor Catedrático (Jubilado)
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Co-orientador:

Doutor André Renato Leonardo Neves dos Santos Freire, Professor Auxiliar com Agregação
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Maio de 2013



Departamento de Sociologia

Desafeição Política na Europa:
dimensões, padrões e fatores explicativos

Diana Dias de Carvalho

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Sociologia

Orientador:

Doutor João de Freitas Ferreira de Almeida, Professor Catedrático (Jubilado)
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Co-orientador:

Doutor André Renato Leonardo Neves dos Santos Freire, Professor Auxiliar com Agregação
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Maio de 2013

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é em boa parte reflexo de todos os que contribuíram para a minha formação e crescimento, profissional e pessoal, nos últimos tempos. Assim importa agradecer;

Em primeiro lugar aos meus orientadores. Ao Prof. João Ferreira de Almeida, e ao Prof. André Freire, por toda a simpatia, disponibilidade, e reflexões críticas, que foram cruciais.

Uma palavra especial à Prof. Anália Torres, a minha “madrinha” na Sociologia, pela confiança depositada em mim desde o início, e por todo o apoio e amizade.

À Prof. Ana Nunes de Almeida, e a toda a equipa do projeto Crianças e Internet, pelas oportunidades concedidas. Também aos outros investigadores do *European Social Survey*. Ao Prof. Rui Brites pelo incentivo inicial para esta dissertação.

Aos meus colegas e amigos no CIES e no ICS, pelas boas referências a nível de investigação e pessoal. Felizmente são demasiados para serem todos mencionados aqui.

Aos meus colegas de mestrado, pelas partilhas.

Aos meus amigos, por todos os momentos. Em especial à Bárbara, à Filipa, ao João e à Maria.

À minha família e aos amigos da família. Agradeço à minha mãe e ao meu irmão pelo apoio e compreensão constantes, e por serem exemplares.

Por fim, agradeço ao meu pai, e à sua coragem, que se tornou para mim uma força em muitas alturas. Dedico-te a ti este trabalho, porque sei que serias o mais orgulhoso pela conclusão desta etapa.

RESUMO

Esta dissertação centra e aprofunda a análise da desafeição política na Europa. Inserida num quadro de referência ligado à cultura e atitudes políticas, emerge a centralidade do conceito e o seu impacto para o funcionamento das democracias. Distinguem-se duas dimensões de desafeição política; uma mais virada para o interior, que indica a distância dos cidadãos tendo por referência os seus sentimentos em relação às próprias competências e à política em geral; e outra mais orientada para o exterior, aludindo às suas perceções de confiança e avaliação da capacidade de resposta das instituições políticas. Em termos gerais estas duas dimensões tendem a estar associadas, mas são estruturadas de forma distinta. Por um lado, a dimensão interna da desafeição política é mais explicada pelas variáveis sociodemográficas e pela exposição mediática a conteúdos políticos, enquanto na dimensão externa têm maior impacto as atitudes políticas e a confiança social dos cidadãos. Por outro lado, a desafeição política externa é mais volátil em relação às conjunturas, contrastando com uma maior estabilidade temporal dos níveis de desafeição política interna. Os níveis de desafeição política são relativamente elevados por toda a Europa, mas consideravelmente mais nos países de sul e de leste do que nos escandinavos. Somente as desigualdades económicas se mostraram determinantes para explicar as diferenças encontradas entre eles.

Palavras-chave: atitudes políticas, desafeição política, perspetiva comparativa, *European Social Survey*

ABSTRACT

This dissertation focuses on and deepens the analysis of political disaffection in Europe. Encompassed in a frame of reference connected to political culture and attitudes, the centrality of the concept emerges, and its impact on the functioning of democracies. Two dimensions of political disaffection are distinguished; one more interior-looking, indicating the distance of citizens with reference to their feelings regarding their own skills and politics in general, and another more outward-orientated, alluding to their perceptions of the confidence and responsiveness of political institutions. Overall, these two dimensions tend to be associated, but are structured in different ways. On one hand, the internal dimension of political disaffection is explained to a further extent by socio-demographic variables and by media exposure of political content, while in the external dimension, citizens' political

attitudes and social trust have a greater impact. On the other hand, external political disaffection is also more volatile to juncture, as opposed to a greater temporal stability of internal political disaffection levels. The levels of political disaffection are relatively high throughout Europe, but considerably higher in the southern and eastern countries than in the Scandinavian. Only economics inequalities proved decisive in explaining the differences between them.

Keywords: political attitudes, political disaffection, comparative perspective, European Social Survey

ÍNDICE

1. Introdução.....	1
2. Culturas e atitudes políticas: a importância da desafeição política.....	3
3. Abordagem metodológica.....	9
4. A conceptualização da desafeição política.....	11
5. A desafeição política na Europa.....	17
6. Os fatores explicativos da desafeição política.....	23
7. Conclusões e reflexões finais.....	41
8. Bibliografia.....	45
Anexos.....	I

ÍNDICE DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 4.1: Conjunto de indicadores de desafeição.....	14
Quadro 4.2: As dimensões de desafeição política.....	15
Quadro 5.1: Desafeição política por <i>cluster</i> de países.....	17
Quadro 5.2: Desinteresse político.....	20
Quadro 5.3: Desconfiança política.....	21
Quadros 6.1 – 6.6: Os determinantes individuais da desafeição política interna e externa, por país.....	30
Quadro 6.7: Os determinantes transnacionais para as variações dos impactos de variáveis individuais na desafeição política interna e externa.....	38
Figura 1: Desafeição política por <i>cluster</i> de países.....	18

1. INTRODUÇÃO

Em 2012 a Comissão Europeia alertou para a importância de combater a apatia política, social e cívica ao referir a alienação como um perigo à própria democracia, salientando que “promover um maior envolvimento na sociedade é um grande desafio para as democracias europeias”¹ Esta distância entre os cidadãos e a política tem surgido nas últimas duas décadas como um dos desafios que as democracias representativas contemporâneas enfrentam. Apesar da consistência e superioridade do regime democrático tem-se documentado que os cidadãos estão cada vez mais afastados e alienados do Estado, das suas instituições, dos representantes políticos, e da política em geral, e também mais desconfiados e críticos em relação ao funcionamento e desempenho dos mesmos, fazendo com que o fosso entre cidadãos e os seus representantes se tenha tornando um fenómeno mais amplo.

Estes sintomas persistentes têm-se tornado uma característica familiar e constante da paisagem política em muitos países, em que cidadãos ou democratas desafetos e críticos aparecem como novas figuras na arena política (Torcal e Montero, 2006: 4; Norris, 1999). A esta tendência são também associados avaliações negativas do desempenho governamental e níveis altos de abstenção política. Torna-se por isso relevante avaliar os desenvolvimentos desta relação entre os cidadãos e a política, e os seus impactos no funcionamento do sistema político e da democracia.

Esta dissertação pretende abordar e dar sentido a esta problemática, tomando como ponto de partida o conceito multidimensional conceptualizado por Torcal e Montero (2006) de desafeição política. Pretende-se perceber as configurações da desafeição política na Europa. Desdobrando-se portanto nos seguintes objetivos de pesquisa; (1) analisar o conceito de desafeição política, conceptual e empiricamente; (2) mapear e caracterizar as tendências de desafeição política na Europa, numa perspetiva comparativa, na última década; e, (3) explorar os fatores explicativos, a nível individual, e a nível transacional, destes padrões.

Este trabalho pretende contribuir para o aprofundamento do conhecimento científico da área, aspirando reforçar e atualizar o saber já adquirido, ao mesmo tempo que procurará colmatar algumas das insuficiências ou interrogações que foram surgindo. Pretende-se levar mais além a diferenciação multidimensional do conceito, procurando aprofundar as dimensões como tal, e perceber se são também estruturadas de forma distinta.

¹ *Jornal Público*, 23 de Outubro de 2012

2. CULTURAS E ATITUDES POLITICAS: A IMPORTÂNCIA DA DESAFEIÇÃO POLÍTICA

Aqui pretende-se dar conta, à luz da concepção de cultura política, das discussões atuais acerca das crenças, percepções e avaliações dos cidadãos em relação ao sistema político. A cultura política pode ser definida como o pensamento social referente à esfera política, por outras palavras, é a dimensão subjetiva da mesma esfera, incorporando dimensões cognitivas, avaliativas e conativas (Heimar, Vala e Viegas, 1990: 32).

Um conjunto de conceitos como o cinismo, a apatia, a desconfiança, e a alienação, tem surgido para caracterizar esta relação, e são muitas vezes medidos de forma semelhante. Este campo teórico surge no âmbito da designada terceira etapa dos estudos de cultura política (Frassinetti, 2008: 108), que ganharam dinamismo a partir dos anos 80. Este renascimento resulta essencialmente da combinação de duas razões centrais. Por um lado, a erosão da confiança nos representantes políticos e nas instituições e a crescente insatisfação com o seu funcionamento (Dalton, 2006), e por outro, uma onda de enfraquecimento e queda de governo autoritários, acompanhado de um surgimento de novas formas de governação democrática: a designada terceira vaga de democratização (Huntington, 1991). Consequentemente a ideia de que os sistemas democráticos dependem dos sentimentos enraizados dos cidadãos, e que portanto a cultura política é importante para a consolidação das democracias, gerou esta fase de estudos baseada neste conjunto de atitudes, valores e avaliações face ao sistema, ao governo e às instituições políticas, e também face aos próprios como cidadãos (Frassinetti, 2008: 109).

Estas atitudes políticas são frequentemente agrupadas e reagrupadas, por vezes de forma imprecisa, sob o conceito geral de apoio político (Offe, 2006). Este conceito, tendo tradição na obra de referência de David Easton (1965), remete a um conjunto de orientações de natureza afetiva e avaliativa em relação aos objetos políticos. Pretende-se aqui portanto clarificar este quadro conceptual.

A necessidade de fazer uma distinção de níveis de atitudes políticas não é nova. A diferenciação de David Easton (1965) entre apoio específico e apoio difuso (mais geral e a longo termo) foi sendo refinada por outros autores. Klingemann distingue entre comunidade política, regime e desempenho de regime. Norris (1999) classifica o apoio político em cinco tipos; à comunidade, aos princípios do regime, ao desempenho do regime, às instituições do regime, e aos atores políticos.

Semelhantemente, a literatura na área tem vindo consistentemente a distinguir três

conceitos: (i) legitimidade, (in)satisfação e (des)afeição, política e democrática (Montero et al, 1997; Magalhães, 2005). A autonomia relativa destes conceitos tem vindo a ser reforçada, salientando, teoricamente e também empiricamente, a sua independência e relações entre si. Assim, estas diferentes atitudes podem ser distinguidas tanto pelo próprio objeto sob avaliação, como também pelas suas correlações dissemelhantes. Essencialmente defende-se que são conceitos de natureza diferente.

O conceito de legitimidade democrática, ou apoio democrático, refere-se à crença que o sistema político democrático representativo, e suas instituições, são a estrutura mais apropriada para o governo. Este conceito tem por base um tipo-ideal, e assenta num exercício de comparabilidade com outro tipo de regimes, isto é: a avaliação da democracia ser um melhor regime que as suas alternativas. É portanto um dos indicadores de consolidação democrática.

O descontentamento é essencialmente uma avaliação negativa do desempenho das instituições políticas e seus representantes. Tem por base uma avaliação de resultados. Mede-se através de variáveis como a satisfação com o funcionamento da democracia, com estado atual da economia ou com a forma como o governo está a atuar.

Estes dois conceitos devem ser compreendidos como autónomos, pois o apoio democrático avalia o regime independentemente das lacunas e fracassos das instituições políticas, enquanto a insatisfação política avalia o desempenho não pondo em causa os fundamentos do regime como um todo. Empiricamente também se verifica esta distinção, com países a demonstrarem uma coexistência entre um apoio forte às instituições democráticas, mas depois uma insatisfação também elevada com o desempenho dessas instituições. Portugal é exemplo disto. O nível de apoio à democracia tem-se mantido elevado e estável desde os anos 80, ao mesmo tempo que surgem níveis elevados de insatisfação com o seu funcionamento (Freire, 2003), caracterizando o público português como composto por democratas descontentes (Magalhães, 2005). De facto uma fraca avaliação das suas políticas, dos seus atores e das suas instituições não impede o apoio aos valores do regime democrático, e portanto esta distinção reflete a diferenciação entre apoio difuso e apoio específico referenciado anteriormente.

Uma terceira dimensão emerge, muitas vezes não claramente definida, e caracteriza-se por um conjunto de indícios; que incluem sentimentos de ineficácia, desinteresse, alienação, apatia, cinismo, falta de confiança nos representantes políticos, crença que as instituições não se responsabilizam e uma sensação geral de afastamento da política. Estes sintomas são

agrupados e classificados de diversas formas, com nomes diferentes, sendo essencial uma clara delimitação entre eles.

Um destes é o termo alienação. Este conceito é muito importante no campo da sociologia, vastamente empregado e abarcando múltiplos sentidos. Os fundadores da Sociologia, de tradição Marxista, definiam alienação em termos objetivos. Contribuições contemporâneas salientam a natureza sentimental do conceito (Citrin et al, 1975). Uma das possibilidades enramadas deste conceito é a que se refere mais especificamente à alienação política. Alude a sentimentos de distância, mas inclui uma dimensão de desintegração, irreconhecimento ou rejeição do sistema.

O objeto genérico da desafeição política é também a relação entre o cidadão e a política. Ou seja, refere-se ao envolvimento político, mas exclusivamente à componente afetiva e sentimental, ao invés de uma componente mais comportamental, como a participação política, ou mais racional, como a insatisfação ou legitimidade democrática. Acaba por ser também forma de salientar a componente emocional da ação humana, por vezes depreciada na Sociologia.

Muitos estudos também demonstram que a desafeição política não tem relação com a insatisfação ou com o apoio democrático (Montero, 1997). Por um lado, as avaliações dos cidadãos do desempenho do governo parecem não ter grande impacto na desafeição política. Por outro, os dados apontam para um número significativo de cidadãos que se caracterizam por uma combinação de um forte apoio aos ideais democráticos ao mesmo tempo que têm avaliações críticas em relação ao seu desempenho e funcionamento, e sentimentos de afastamento aos seus actores e instituições: os designados “democratas desafectos” ou “democratas críticos” (Norris, 1999; Torcal e Montero, 2006; Magalhães, 2005: 981). Algumas democracias, em particular as que se referem à terceira vaga de democratização, embora nem todas, evidenciam níveis altos de apoio ao regime democrático e sua legitimidade em conjunto com elevados graus de desafeição política. (Torcal, 2006). Também no contexto português se tem verificado essa prevalência de um sentimento difuso de distância ao poder (Cabral in Freire et al, 2004: 301). Também Pharr e Putnam (2000) utilizam a caracterização democracias desafetas.

Não há portanto evidências que comprovem que as democracias contemporâneas estarão numa crise de legitimidade ou de consolidação, na medida em que o apoio ao regime democrático aparece como um fenómeno generalizado. A consolidação e estabilidade duradoura das democracias actuais são também, objetivamente, um reflexo deste fenómeno.

Assim, a distinção destes conceitos serve também para reforçar que os potenciais aumentos dos níveis de insatisfação ou desafeição política não implicam uma situação de crise em relação ao regime político, não sendo por isso incongruentes com este apoio generalizado ou com a qualidade da democracia. Estes fracionamentos representam uma rutura com os estudos anteriores.

Magalhães (2005: 977) acrescenta ainda como estes conceitos se podem distinguir tendo em conta as suas interdependências com diferentes comportamentos políticos; a ilegitimidade pode provocar acções de apoio à restituição de um regime alternativo, como o voto em partidos anti-sistema; a insatisfação origina acção contra o governo em poder, mas sem implicar necessariamente a substituição das instituições, como o voto em partidos de oposição; já a desafeição pode implicar uma relutância para o envolvimento na acção política como um todo. O autor também realça a importância do conceito de desafeição política como o síndrome atitudinal que parece ser mais consequencial político-comportamentalmente, provocando passividade política.

De facto o estudo das atitudes e valores dos indivíduos, e seus impactos nos comportamentos e condições de vida, são cruciais para perceber a relação que os mesmos constituem com as instituições. O conceito de instituição é também fulcral na abordagem sociológica. Em termos gerais, uma instituição é um sistema de normas que rege a vida social quotidiana, nos mais diversos níveis. Inerente às instituições é a reprodução de actos rotinizados, envolvendo uma habituação e repetição, fazendo com que as mesmas sejam previsíveis. Falar de instituições é também referir constrangimento e controlo social, no entanto elas não existem somente como realidades objectivas e exteriores aos indivíduos, mas são também incorporadas e interiorizadas por eles, possibilitando ao menos tempo um conhecimento prático e reflexivo, e permitindo tanto a reprodução como também a mudança das mesmas (Berger e Luckman, 1996)

As consequências do fenómeno da desafeição política para a participação e para a cidadania, e em última instância para o funcionamento ou qualidade das democracias não são claras nem óbvias. Apesar de normativamente o conceito de desafeição política comportar uma conotação negativa, na medida em que pode pôr em causa o funcionamento dos sistemas democráticos representativos, os estudos têm demonstrado um quadro bem mais complexo e contraditório. Ao mesmo tempo que se destacam as consequências prejudiciais e pessimistas para a democracia e para uma presença de uma cidadania menos mobilizada e não informada, também surgem os impactos positivos que estes cidadãos poderão ter nas instituições

democráticas, ao incentivar novas formas de participação política (Torcal e Montero, 2006: 6).

Por um lado, a desafeição política pode desenvolver apatia e desmobilização em todas as formas de participação e envolvimento dos cidadãos, estando associada a níveis mais baixos de informação política. A desafeição política já demonstrou estar fortemente associada a um crescente cinismo em relação à política (Bryner e Ashfird, 1994). Para Montero, a desafeição política, causa uma cidadania não-informada e não participante. Os desafectos podem-se caracterizar por uma passividade política, na medida em que já se demonstrou haver relação entre desafeição política e menos procura de informação e menor frequência de discussão política, e ainda uma menor participação política, quer eleitoral ou não eleitoral (Magalhães, 2005). Isto tem também impacto em níveis mais baixos de responsabilização democrática. Por outras palavras, já se verificou que os desafectos votam menos e utilizam menos canais de participação política alternativa ao voto, apresentando também níveis de mobilização cognitiva mais baixos. Neste sentido, esta distância mais generalizada e reforçada dos cidadãos à política não resulta num benefício para um melhor funcionamento e qualidade do sistema democrático. Por um lado pode tornar as mudanças políticas e institucionais mais difíceis, e por outro, esta negligência política pode pôr em causa a qualidade representativa da democracia.

No entanto também surge recorrentemente o impacto da desafeição como um aumento significativo da participação não convencional. Norris (1992) sugere que a falta de confiança institucional pode fazer com que os indivíduos procurem transformar e ultrapassar falhas institucionais de forma a melhorar os mecanismos existentes, tornando-se assim mais activos através de vias alternativas de participação política, o que pode ser positivo ao sistema democrático. Aqui o sentido crítico provoca maior envolvimento, na medida em que exerce um efeito positivo, nomeadamente na mudança para colmatar as insuficiências das instituições. Nesta linha de pensamento a desafeição política, num certo grau, pode potenciar o fortalecimento da governação democrática.

Parte-se portanto do pressuposto que a desafeição política poderá não ter as mesmas consequências em todos os contextos, ou então que estas duas síndromes atitudinais-comportamentais coexistam simultaneamente, podendo tanto desencorajar como promover a participação política e poder de transformação dos cidadãos face ao Estado. Não se pode presumir então que exista um conjunto de atitudes políticas ideais para otimizar o funcionamento de um regime político.

3. ABORDAGEM METODOLÓGICA

Metodologicamente esta dissertação tem por base uma perspectiva comparada, de âmbito transnacional, utilizando dados secundários e técnicas estatísticas multivariadas.

Os recentes estudos de cultura política incorporam também uma nova geração de investigadores provenientes de muitos países, agrupando novos recursos e instrumentos empíricos, incluindo a criação de bases de dados que permitem a comparabilidade entre os mesmos (Frassinetti, 2008: 109). Um destes exemplos é o *European Social Survey*², que serviu como fonte para este trabalho. Provém de um projeto financiado pela Comissão Europeia e pela Fundação Europeia da Ciência, em conjunto com instituições nacionais de cada país participante. A recolha de dados ocorre de dois em dois anos, desde 2002, estando agora na sua sexta aplicação. O objetivo é estudar as atitudes, crenças, valores e comportamentos das populações europeias numa perspectiva comparativa e longitudinal.

Os dados são recolhidos através de um inquérito por questionário, administrado por um entrevistador, com um conjunto padronizado de perguntas. O inquérito comporta módulos permanentes que são aplicados em todas as séries, e que abrangem, de forma geral, variáveis socioeconómicas, sociopolíticas e sociodemográficas, e inclui também baterias de perguntas em modo rotativo, que fornecem informação mais específica e profunda sobre temas socialmente e academicamente relevantes.

Para a componente empírica desta dissertação, serão privilegiados os indicadores sociopolíticos. Para a grande maioria da análise desta dissertação utilizaram-se os dados provenientes da primeira edição (referente ao ano de 2002), na medida em que era a que abarcava o maior número de variáveis e dimensões relevantes para o objeto em estudo³. De facto, a indisponibilidade, desadequação, ou desatualização dos dados ao próprio estudo inserem-se no conjunto de limitações da utilização de dados secundários (Freire, 2006: 95). Foi no entanto efetuada uma análise temporal utilizando todas as séries até 2010 com os indicadores disponíveis de forma a incorporar também dados mais recentes para o trabalho. Mais ainda pode-se constatar a natureza relativamente estável e duradoura de algumas atitudes, como se irá verificar posteriormente, por não modificarem substancialmente dentro de espaços temporais relativamente curtos, não pondo por isso em causa a relevância dos dados aqui apresentados.

² <http://www.europeansocialsurvey.org/>

³ Ver anexos, pág. I

4. A CONCEPTUALIZAÇÃO DE DESAFEIÇÃO POLÍTICA

Neste capítulo pretende-se abordar conceptual e aprofundadamente o objeto principal desta dissertação: a desafeição política. Como já se abordou anteriormente, este conceito resultou de um desenvolvimento de um novo campo analítico no final do século XX e viragem do novo. A desafeição política é concebida como uma das problemáticas centrais do novo campo de cultura política; uma das grandes questões analíticas, teóricas e empíricas mais influentes nos estudos recentes (Frassinetti, 2008: 110).

Apesar de o conceito de desafeição política ser multidimensional e abarcar componentes de natureza distintas, em termos gerais pode-se classificar a desafeição política como uma atitude, ou mais rigorosamente, um conjunto de atitudes. Uma atitude refere-se a experiências subjetivas interrelacionadas, desenvolvendo-se enquanto processo, relativamente estável, simultaneamente afetivo e cognitivo. Predispõe o indivíduo a reagir preferencialmente em relação a um objeto ou uma situação, tendo sempre por base uma dimensão avaliativa (Lima, 2006).

Torcal e Montero (2006: 5-6) clarificam o conceito que definem como um certo distanciamento da política, bem como uma avaliação crítica das suas instituições, representantes e processos políticos. Com referência a Di Palma, definem a desafeição política como “um sentimento subjectivo de impotência, cinismo e falta de confiança no processo político, nos políticos e nas instituições democráticas, mas sem questionar o regime político”. Esta definição salienta portanto a distinção deste conjunto de atitudes em relação a outros, na medida em que não induzem necessariamente a um questionamento da legitimidade política, reforçando a conceção de democratas desafetos já apresentada anteriormente. Pode-se portanto resumir este conceito a um conjunto de atitudes políticas que alude ao distanciamento das pessoas em relação à política, e às suas instituições e representantes, abrangendo simultaneamente componentes e dimensões diferentes.

Em primeiro lugar, este conceito abarca elementos de natureza distinta em relação à política, uns de índole mais cognitiva, e a outros mais afetiva. A primeira prende-se com a crença acerca da capacidade de influenciar as decisões políticas e da complexidade de um sistema político incompreensível e de difícil acesso, ou com a disposição dos representantes políticos em permitir serem influenciados. Isto refere-se à sensação subjetiva de ineficácia política. A eficácia política interna refere-se aos sentimentos em relação à sua capacidade de compreender e participar na política. A eficácia política externa é a percepção que o mesmo

tem da capacidade de resposta dos políticos em relação aos seus interesses, opiniões e aspirações (Morrell, 2003: 590). A segunda relaciona-se a sentimentos gerais de falta de envolvimento individual com a política, como por exemplo o desinteresse.

A desafeição comporta também a confiança, que é um dos indicadores centrais do sentimento latente dos cidadãos sobre a política (Newton e Norris, 1999), e também das atitudes a ações humanas em geral, incorporando também uma natureza afetiva e avaliativa. Existe um crescente reconhecimento da importância da confiança nas relações e na sociedade. Stompka (1999) defende que este surge com uma mudança paradigmática na sociologia de uma visão mais organicista, sistémica ou estrutural da sociedade, para um mais fluída, onde dominam os intangíveis e as dimensões culturais da realidade social, como os significados, os valores, ou as normas. Muito genericamente, a confiança pode ser definida como “uma aposta sobre as ações futuras dos outros” (25). De facto a confiança está intimamente ligada à incerteza e incontrolabilidade do futuro humano. Assim sendo, a importância da confiança nas sociedades surge também com as mudanças e características sociais particulares que surgiram com o processo de modernização das sociedades. Assim, autores têm vindo a sugerir que com o desenvolvimento das sociedades para a modernidade, a confiança tem-se tornado num recurso indispensável (Sztompka, 1994: 15). A crescente complexidade, o enfoque no individualismo, os maiores graus de incerteza e risco, e a globalidade que caracterizam as sociedades contemporâneas exigem graus de confiança mais elevados. Fukuyama (1996), focando-se na relação entre confiança e desenvolvimento, demonstra que o bem-estar e qualidade de vida de uma nação são fortemente condicionados pelo nível de confiança inerente. Assim sendo a confiança é fundamental para o funcionamento das sociedades, e dos sistemas políticos.

Os estudos mais recentes apontam para a existência de dois tipos de desafeição política. Torcal e Montero (2006: 6-7) defendem que a desafeição política comporta duas subdimensões parcialmente autónomas. Uma que se designa *political disengagement*, ou “desapego político” (Martín, 2005) que se refere a um distanciamento pessoal em relação à política: “um conjunto de atitudes que se relaciona com uma desconfiança generalizada da política e com a falta de envolvimento dos cidadãos com o processo político” É medida através de indicadores de interesse político subjetivo, de relevância/saliência política, ou seja, a importância da política na vida, e também através da ineficácia política interna, ou seja da perceção do cidadão de si próprio como parte do processo político. Inclui também uma predisposição, ou crença, na capacidade para a sua participação política (Martín, 2005).

E depois uma segunda dimensão, *institucional disaffection*, que se centra mais na posição crítica e nos sentimentos de desconfiança perante as instituições e representantes políticos, isto é; às “crenças acerca da falta de capacidade de resposta de autoridades e instituições políticas, e à falta de confiança dos cidadãos nas instituições políticas”. Comporta portanto variáveis de confiança nas instituições políticas, como a desconfiança em relação ao parlamento, aos partidos políticos ou aos políticos, e de eficácia política externa, que se refere à percepção da recetividade dos políticos face aos interesses, opiniões, aspirações e exigências dos próprios.

Apesar do reconhecimento teórico da natureza distinta destas duas dimensões, a mesma não se reflete empiricamente. Por um lado os estudos sobre o conceito de desafeição política não confirmam empiricamente estas duas dimensões, e por outro, também não as tratam e trabalham como tal, utilizando os indicadores individualmente. Este trabalho pretende portanto aprofundar estas duas dimensões, explorando adicionalmente a sua diferenciação, nomeadamente em termos dos seus padrões e do que as estruturam.

De forma a verificar empiricamente a plausibilidade de considerar esta multidimensionalidade do conceito de desafeição política, realizou-se uma análise fatorial. Optou-se pelo método Análise em Componentes Principais⁴ para perceber a estrutura latente subjacente ao conjunto de variáveis associado ao conceito de desafeição política. Na tabela seguinte apresenta-se os indicadores que entraram nesta análise⁵.

⁴ Ver anexos, pág. IV

⁵ Ver nos anexos a informação relativa à transformação das variáveis, pág. II

Quadro 4.1: Conjunto de indicadores de desafeição política

Indicador	Pergunta no questionário
Desinteresse na política	De um modo geral, qual o seu interesse pela política? (1= <i>Muito interesse</i> ; 2= <i>Algum interesse</i> ; 3= <i>Pouco interesse</i> ; 4= <i>Nenhum interesse</i>)
A política é complicada	Com que frequência a política lhe parece tão complicada que não percebe verdadeiramente o que se está a passar? (1= <i>Nunca</i> ; 2= <i>Raramente</i> ; 3= <i>Algumas vezes</i> ; 4= <i>Bastantes vezes</i> ; 5= <i>Frequentemente</i>)
Predisposição para a não participação na política	Acha que podia participar num grupo dedicado a questões política? (1= <i>De certeza que sim</i> ; 2= <i>Provavelmente sim</i> ; 3= <i>Não tenho a certeza</i> ; 4= <i>Provavelmente não</i> ; 5 = <i>De certeza que não</i>)
Dificuldade em tomar posições políticas	De uma forma geral, qual o grau de dificuldade que sente em tomar uma posição acerca de questões políticas? (1= <i>É muito fácil</i> ; 2= <i>É fácil</i> ; 3= <i>Nem é difícil nem é fácil</i> ; 4= <i>É difícil</i> ; 5= <i>É muito difícil</i>)
Desinteresse dos políticos por aquilo que as pessoas pensam	Acha que os políticos, em geral, se interessam por aquilo que as pessoas como o sr/ a sra pensam? (1= <i>Quase todos se interessam</i> ; 2= <i>Muitos interessam-se</i> ; 3= <i>Alguns interessam-se</i> ; 4= <i>Muito poucos se interessam</i> ; 5= <i>Quase nenhuns se interessam</i>)
Desinteresse dos políticos nos votos, em vez de na opinião das pessoas	Em geral, os políticos estão mais interessados em ganhar os votos das pessoas e não se interessam tanto pelas suas opiniões? (1= <i>Quase todos estão interessados na opinião das pessoas</i> ; 2= <i>A maior parte está interessada na opinião das pessoas</i> ; 3= <i>Alguns estão interessados apenas nos votos, outro não</i> ; 4= <i>A maior parte está interessada apenas nos votos</i> ; 5= <i>Quase todos estão interessados apenas nos votos</i>)
Desconfiança no Parlamento	Diga-me, por favor, qual a confiança pessoal que tem em cada uma das instituições: no Parlamento (0= <i>Toda a confiança</i> ; 10= <i>Nenhuma confiança</i>)
Desconfiança nos políticos	Diga-me, por favor, qual a confiança pessoal que tem em cada uma das instituições: nos políticos (0= <i>Toda a confiança</i> ; 10= <i>Nenhuma confiança</i>)
Não-importância da política na vida	Qual a importância da política na sua vida? (0= <i>Extremamente importante</i> ; 10= <i>Nada importante</i>)

O objetivo é portanto identificar dimensões analíticas, ou subgrupos temáticos distintos, ao distinguir subconjuntos de variáveis muito correlacionados entre si e pouco associados de outros subconjuntos.

Quadro 4.2: As dimensões de desafeição política
(Análise de Componentes Principais com rotação Varimax)

<i>Itens:</i>	<i>Componentes:</i>	
	Desafeição política externa	Desafeição política interna
Desconfiança nos políticos	,848	,098
Desconfiança no Parlamento	,781	,068
Interesse dos políticos nos votos, em vez de na opinião das pessoas	,747	,136
Desinteresse dos políticos por aquilo que as pessoas pensam	,743	,197
Desinteresse na política	,189	,784
Dificuldade em tomar posições políticas	-,022	,744
Capacidade de participar em questões políticas	,116	,674
A política é complicada	,284	,658
Irrelevância da política na vida	,078	,654
Variância Explicada (%)	37,7	19,3
Variância Explicada Cumulativa (%)		57,0

Fonte: ESS 2002

Verifica-se então a extração de duas dimensões latentes, que no seu conjunto explicam 57 % da variância total.

Na primeira, as variáveis mais representativas são as da confiança nas instituições políticas: nos políticos e no parlamento, e os indicadores de ineficácia política externa: o interesse que os políticos têm nas pessoas.

Da segunda dimensão fazem parte com maior importância, o interesse subjetivo na política, as variáveis referentes à eficácia política interna, avaliando a competência que as

pessoas acham que têm na política, e a saliência política.

Assim sendo confirma-se as dimensões identificadas no quadro teórico. Ambas se referem à distância entre os cidadãos e a política, mas distinguem-se essencialmente pela direção da relação avaliada. A primeira alivia-a tendo em conta as instituições políticas perante as pessoas, já a segunda, parte dos sentimentos dos próprios indivíduos em relação à política. Por outras palavras, uma está orientada para o exterior, por ter por referência a capacidade de resposta dos políticos, enquanto a outra para o interior, por aludir à própria capacidade de influência. Assim, e fazendo um paralelismo com os conceitos de eficácia externa e interna, renomeou-se as seguintes dimensões de, desafeição política externa, e desafeição política interna, respetivamente.

Esta análise é também útil para resumir informação, na medida em que permite reduzir o número de variáveis com que se trabalha ao mesmo tempo que se contempla os múltiplos indicadores, ao invés de trabalhar com as variáveis isoladamente. Assim sendo, e utilizando os resultados do conjunto de variáveis mais associado a cada dimensão, passa-se a ter duas novas variáveis compósitas, independentes, latentes e quantitativas. Procedeu-se então à normalização de todas as variáveis para uma escala de 0 a 100⁶ e de seguida ao cálculo de cada índice através das médias das variáveis de cada dimensão, respetivamente: o de desafeição política externa⁷, e o de desafeição política interna⁸.

⁶ Método Min-Max (OECD, 2008: 28), ver anexos, pg. VI

⁷ $\alpha = 0,80$

⁸ $\alpha = 0,75$

5. A DESAFEIÇÃO POLÍTICA NA EUROPA

Neste capítulo pretende-se dar conta dos níveis de desafeição política na Europa, e também da sua evolução na última década, numa perspectiva comparativa tentando traçar semelhanças e dissociações entre países de forma a poder identificar padrões distintos.

Retomando o capítulo anterior, parte-se então do pressuposto que a desafeição política é um síndrome, em que os sintomas são situados num *continuum*, de um pólo em que os cidadãos estão fortemente interessados e próximos com todo o sistema político, passando por uma série de configurações intermédias, até chegar a um extremo caracterizado por bastante hostilidade e afastamento perante o sistema político.

Em primeiro lugar importa perceber até que ponto a desafeição política é um fenómeno geral da Europa, e que diferenças existem entre países Europeus relativamente a estes indicadores de desafeição política. Para este efeito procedeu-se a uma análise de *clusters*⁹ com o objetivo de agrupar um conjunto de 21 países em tipologias distintas relativamente aos índices de desafeição política criados¹⁰. Da mesma resultou a definição dos seguintes cinco grupos semelhantes.

Quadro 5.1: Desafeição política por *cluster* de países (*médias*)

	Índice de desafeição política interna	Índice de desafeição política externa
Noruega, Suécia, Finlândia, Holanda, Luxemburgo, Suíça	54,7	52,8
Dinamarca	45,4	46,7
Reino Unido, França, Bélgica, Irlanda, Hungria, Itália	60,3	62,8
Alemanha, Áustria	49,8	65,0
Rep. Checa, Polónia, Eslovénia, Espanha, Portugal, Grécia	62,0	70,5
Total	58,0	64,4

Fonte: ESS 2002

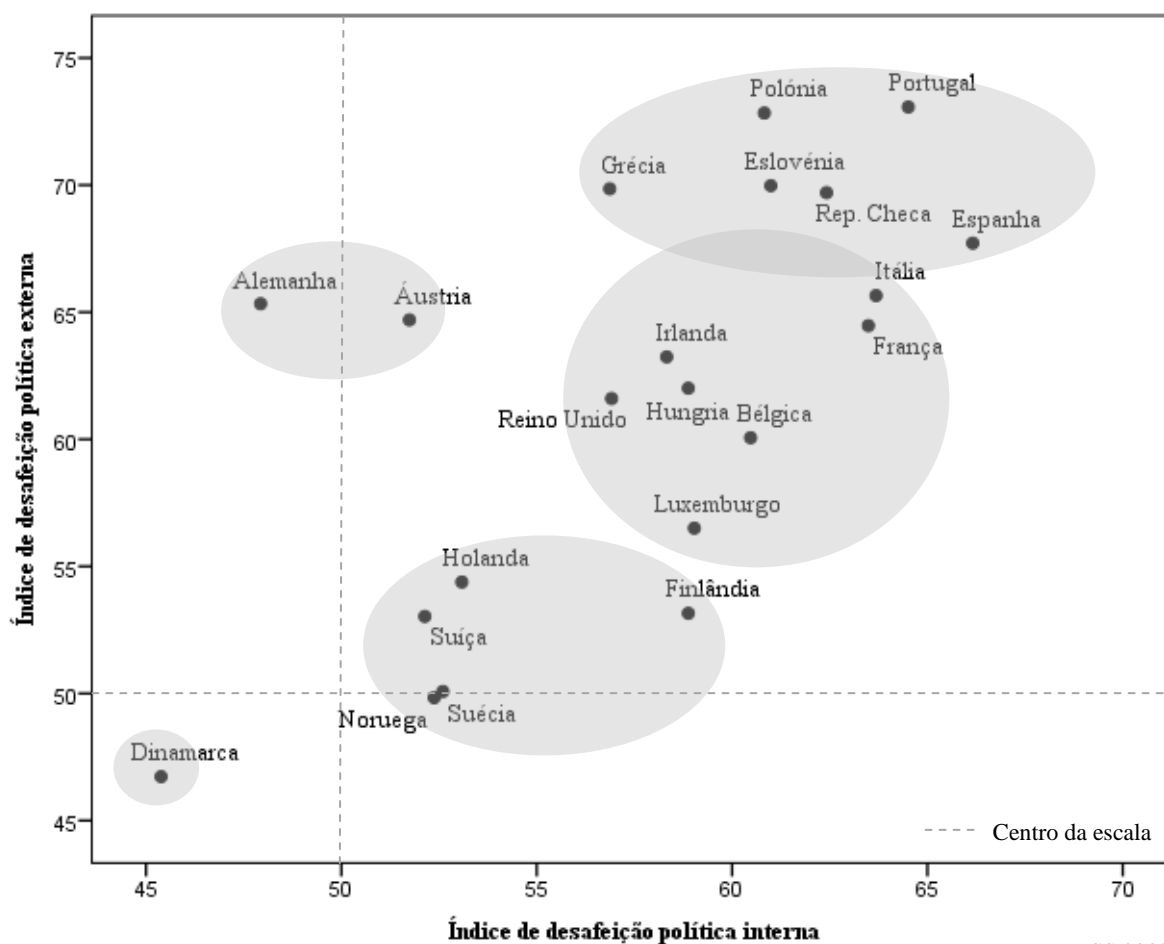
⁹ Através do método *K-Means Cluster Analysis*, ver anexos, pág.VIII

¹⁰ Ver tabela com as médias dos índices por país, anexos pág. VII

Verifica-se que, em geral, e para a maioria dos países, o índice referente à dimensão mais externa da desafeição política é mais elevado do que o alusivo à natureza mais interna, sugerindo que há uma tendência genérica para os cidadãos se sentirem mais afastados e críticos em relação à política quando se referem às instituições, do que quando se referem a si próprios. Isto liga-se à resistência do privado e íntimo em relação às avaliações do contexto, na medida em que existe a tendência de avaliar sempre pior o contexto.

Na figura seguinte estão representadas as médias correspondentes a cada país, a e identificação do *clusters*.

Figura 5.1: Desafeição política por país (*médias*), e *clusters*



Fonte: ESS 2002

Através do gráfico de dispersão verifica-se instantaneamente que parece existir uma correlação relevante entre os níveis de desafeição política interna e externa. Ou seja, estas duas componentes estão bastante associadas. Também se constata que os Europeus em geral sentem-se desafetos pois a grande maioria dos países apresenta níveis acima do centro da escala.

Verifica-se então que a Dinamarca se destaca dos restantes países europeus por isoladamente demonstrar níveis de desafeição política interna e externa abaixo do meio da escala.

Há depois um segundo grupo composto pelos restantes países escandinavos, e incluindo a Holanda e a Suíça, que se caracteriza por ser o único que apresenta uma tendência distinta dos outros países por apresentar médias inferiores de desafeição política externa, em relação à interna, sugerindo que os indivíduos ponderam com maior proporção a dimensão interna da distância política. Mas relativamente ao resto da Europa apresentam também níveis mais baixos.

Temos depois outro agregado que se destaca exatamente pelo inverso; a Alemanha e a Áustria são os países que apresentam menor associação entre estas duas dimensões, apresentando uma desafeição política externa bastante superior à interna. São portanto países em que os cidadãos são muito mais críticos em relação às instituições.

Há depois um grupo que se evidencia por se compor pelos cidadãos que mais afastados e desconfiados se sentem da política, a todos os níveis. Estes provêm dos países da Europa do Sul e do Leste. Portugal e Espanha sobressaem por apresentar os níveis de desafeição política externos e internos, respetivamente, mais altos da Europa.

Por fim, há um conjunto de países que demonstra, em termos comparativos, níveis médios de desafeição, envolvendo uma diversidade de países, que inclui os do centro da Europa, mais o Reino Unido, Irlanda, Hungria e Itália.

É também importante passar de uma perspetiva estática para uma dinâmica da desafeição política (Montero et al, 1997), em que se pretende perceber até que ponto as tendências de atitudes de distância à política são semelhantes na Europa ao longo do tempo.

Apesar de teoricamente a literatura partir de uma presença de níveis crescentes de desafeição política, empiricamente os seus padrões não se têm provado claros. Os estudos que abordam a desafeição política numa perspetiva longitudinal têm sido insuficientes e têm apresentado orientações divergentes. De facto as análises longitudinais sugerem mais a existência de processos cíclicos ao invés de tendências positivas e irreversíveis (Torcal, 2006: 336). As democracias mais recentes são uma excepção; têm mostrado níveis de desafeição política elevados e constantes.

Pretendeu-se então também verificar o comportamento dos indicadores de desafeição política ao longo dos últimos 10 anos, apesar de se reconhecer que este período temporal é insuficiente para apreender tendências de longo-prazo referentes a este conjunto de atitudes.

Quis-se também perceber se o surgimento da crise económica teve algum impacto nestas dimensões, apesar de se acreditar que o seu efeito poderá ser retardado e cumulativo, na medida em só se evidenciará mais tarde, surgindo com os dados mais recentes de 2012.

Quadro 5.2: Desinteresse político (*médias*)

	2002	2004	2006	2008	2010
Dinamarca	2,3	2,3	2,2	2,1	2,2
Noruega	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5
Suécia	2,4	2,4	2,3	2,4	2,3
Finlândia	2,6	2,6	2,6	2,5	2,6
Suíça	2,3	2,4	2,4	2,4	2,4
Holanda	2,3	2,4	2,4	2,3	2,3
Alemanha	2,2	2,4	2,4	2,3	2,3
Reino Unido	2,5	2,6	2,6	2,5	2,6
França	2,7	2,8	2,6	2,5	2,6
Bélgica	2,7	2,7	2,7	2,6	2,7
Hungria	2,6	2,7	2,7	2,8	2,8
Polónia	2,7	2,8	2,7	2,7	2,7
Eslovénia	2,7	2,7	2,7	2,6	2,7
Espanha	3,1	2,9	3,0	3,0	2,9
Portugal	2,9	3,1	3,0	3,1	3,1

Fonte: ESS

Verifica-se então uma estabilidade muito consistente dos níveis de interesse político nos últimos anos, cujas mudanças nos níveis de desinteresse político se restringem a casas decimais.

Quadro 5.3: Desconfiança política (*médias*)

	Parlamento					Políticos				
	2002	2004	2006	2008	2010	2002	2004	2006	2008	2010
Dinamarca	3,8	3,7	3,6	3,5	4,2	4,5	4,4	4,4	4,4	5,0
Noruega	4,3	4,6	4,3	4,2	4,0	5,4	5,8	5,6	5,4	5,1
Suécia	4,1	4,6	4,4	4,3	3,7	5,3	5,8	5,5	5,4	5,0
Finlândia	4,2	4,0	4,0	4,0	4,6	5,2	5,1	5,1	5,1	5,6
Suíça	4,2	4,5	4,2	4,2	4,2	5,1	5,2	5,1	5,1	5,0
Holanda	4,8	5,3	4,7	4,4	4,6	5,1	5,3	5,0	4,8	4,8
Alemanha	5,5	5,8	5,8	5,3	5,7	6,5	6,8	6,7	6,5	6,6
Reino Unido	5,3	5,7	5,8	5,7	5,9	6,2	6,4	6,6	6,4	6,6
França	5,5	5,7	5,7	5,5	5,8	6,4	6,5	6,7	6,5	6,8
Bélgica	5,0	5,3	5,0	5,4	5,5	5,7	5,8	5,6	6,0	6,1
Hungria	5,0	6,4	6,6	7,4	5,8	6,1	7,3	7,5	8,1	6,9
Polónia	6,5	7,6	7,3	7,0	6,6	7,3	8,1	7,9	7,7	7,3
Eslovénia	6,0	5,9	5,8	5,6	7,0	6,9	6,9	6,8	6,6	7,7
Espanha	5,2	4,9	5,0	5,0	5,7	6,6	6,3	6,5	6,7	7,3
Portugal	5,6	6,3	6,2	6,5	7,1	7,2	7,9	7,5	7,7	8,0

Fonte:ESS

Já em relação aos níveis de confiança sentidos quanto às instituições políticas, as diferenças, em termos gerais, revelam-se um pouco mais significativas, embora como a escala de resposta é mais ampla, potencia as mesmas.

Verifica-se então que na Dinamarca a confiança em relação ao parlamento e aos políticos tem estado a aumentar ligeiramente desde 2002, depois uma descida acentuada em 2010. O mesmo acontece entre os cidadãos finlandeses. Ao contrário, na Suécia, os níveis de desconfiança descem consistentemente desde 2004.

A Holanda destaca-se por apresentar níveis de confiança relativamente baixos em relação ao Parlamento, mas que têm vindo a aumentar.

O Reino Unido e a França mostram níveis de confiança política bastante constantes, já a Bélgica evidencia-se por demonstrar um aumento de desconfiança nas instituições políticas desde 2006.

A Hungria destaca-se por ser o país com maior discrepância nos seus níveis de confiança política. No início da década apresentava níveis de desconfiança médios relativamente aos restantes países europeus, no entanto, até 2008 sofreu um aumento bastante abruuto de desconfiança, quer no parlamento, quer nos políticos, tornando-se parte dos

cidadãos europeus que mais desconfiavam das instituições políticas. Em 2010 esses níveis descem expressivamente, para níveis semelhantes aos países do centro da Europa, de novo.

Portugal revela uma consistente desconfiança em relação ao parlamento na última década. Já a Espanha e a Eslovénia demonstram níveis de confiança política relativamente estáveis, mas com uma descida significativa em 2010. A Polónia, neste contexto, mostra ser uma contra-tendência com os seus níveis de confiança em relação às instituições políticas a aumentar consistentemente desde 2004.

Assiste-se a aumento da desconfiança institucional política de 2008 para 2010 em muitos países, embora mais evidente na Dinamarca, Finlândia, Espanha, Portugal e Eslovénia, como já verificado, podendo portanto ser já um reflexo do início da crise económica e social sentida.

Comparando os dois indicadores, há então evidências que a confiança política, variável de desafeição política externa, não se mostra tão persistente e sedimentada como o indicador que representa a dimensão interna da desafeição (o interesse político), sugerindo que esta última é mais estável, e a externa mais permeável a efeitos de conjuntura.

6. OS FACTORES EXPLICATIVOS DA DESAFEIÇÃO POLÍTICA

Os estudos que se centram na construção de quadros explicativos para o fenómeno da desafeição política inserem-se na discussão teórica acerca do confronto do carácter mais cultural ou mais racional da formação das atitudes políticas (Torcal e Montero, 2006: 10). Este debate apresenta-se em Mishler e Rose (2001) quando opõem o modelo cultural e o modelo institucional na explicação da confiança das instituições políticas.

A explicação mais cultural reforça os fatores exógenos ao sistema político, e defende que as atitudes, como características enraizadas nos cidadãos, são traços culturais que derivam e se transmitem através de processos de socialização a longo prazo, e que tendem a ser estáveis e reproduzidos pelos mesmos meios, mudando a um compasso lento.

Por outro lado, há o modelo mais racional que defende que as atitudes são reflexo dos resultados dos acontecimentos e ocorrências políticos, mais específicos, e portanto das experiências, expectativas e avaliações do desempenho institucional e político, reforçando os fatores endógenos à política. Neste argumento as atitudes formam-se através do processo racional, e podem alterar-se a um ritmo mais rápido.

Apesar destes dois argumentos parecerem competitivos, Torcal e Montero (2006: 12) defendem que é possível admitir que as atitudes políticas são mais ou menos estáveis, e são resultado da interação tanto de fatores de longo como de curto prazo, admitindo estes paradigmas como conceptualmente complementares. Já inúmeros estudos comprovam os efeitos culturais simultaneamente aos racionais nas atitudes políticas, na medida em que estes fenómenos não dependem unicamente da cultura local nem do funcionamento e desempenho político (Luhiste, 2006).

Esta pluralidade teórica não impede as articulações de várias abordagens, selecionado e recombinao contributos distintos, e permitindo assim transformar as oposições em complementaridades, possibilitando uma maior cumulatividade (Pires, 2007:11). Esta pode portanto ser uma forma de lidar com a natureza pluriparadigmática das ciências sociais (Almeida, 2007: 22), em que coexistem várias teorias e múltiplos quadros teóricos referentes ao mesmo objeto. Assim sendo, polarizar deste modo a dicotomia racional vs. cultural pode ser útil para localizar problemas, mas reforça-se que esta dualidade e importância relativa dada aos fatores é no seu essencial apenas uma questão empírica.

Parte-se então do pressuposto de que as atitudes podem ser formadas exteriormente, como interiormente à política; e podem ser tanto um resultado cumulativo de padrões de

socialização mais longos, como a partir de avaliações e cálculos racionais de eventos mais recentes, importando também em simultâneo a política do presente bem como as memórias do passado.

Uma das explicações mais importantes e recorrentes neste âmbito é a que se relaciona com as teorias do capital social. O modelo culturalista, no seu modo mais puro, tem por base a ideia que os padrões crescentes de desafeição política são o reflexo da tendência da queda da confiança social (Torcal e Montero, 2006: 11).

O conceito de capital emergiu na Sociologia como central nas teorias marxistas, mas o seu uso tem vindo a ser continuado e mutável. Bourdieu é uma das referências-chave na ampliação da respetiva conceptualização e insere o conceito de capital num espaço social (Bourdieu, 1997: 7), pluridimensional, em que os agentes se distribuem em função das suas posições sociais relacionalmente definidas. A estas correspondem diferentes volumes e tipos de capitais principais, relacionados e conversíveis: o económico, o social, o cultural, e o simbólico. Assim o capital pode ser concebido como um conjunto de posses relacionalmente definido. Nesta perspetiva, o capital social refere-se ao agregado dos recursos actuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas, de conhecimento ou reconhecimento mútuo (Bourdieu, 1986: 51), abarcando simultaneamente componentes estruturais e culturais. Assim sendo, as relações sociais podem ser vistas simultaneamente como um modo para aceder a recursos, mas também elas próprias como um recurso.

Este conceito também pode ser utilizado referindo-se a características de organização social, como a confiança, as normas e as redes (Putnam, 2000). Esta conceção de capital social é diferente da apresentada por Bourdieu, remetendo mais para os laços fracos das relações, do que para os laços fortes. O que une as duas abordagens acaba por ser a importância da confiança. Putnam (1995) é então um dos autores mais importantes neste contexto (1995), argumentando que o aumento da desconfiança política será consequência da tendência decrescente dos níveis de capital social, em particular da confiança interpessoal, nas sociedades avançadas. Ou seja, à luz desta abordagem, a confiança social predispõe à confiança política, numa direcção positiva. A confiança torna-se também depois crucial para a participação e funcionamento políticos.

Apesar da correlação entre confiança social e confiança política ser muito estudada, nem sempre tem resultados consistentes e óbvios. Evans e Letki (citados em Torcal e Montero, 2006) desafiam a tendência positiva desta causalidade ao mostrarem que esta

relação pode ser negativa nas novas democracias da Europa Central e de Leste: indivíduos com níveis mais elevados de confiança social eram também aqueles com menos confiança nas instituições políticas. Uma das explicações dadas pode ter a ver com particularidade do passado não democrático destes regimes, na medida em que se desenvolveu uma confiança social mais elevada para compensar áreas em que o governo falhava. A direcção causal entre confiança social e política é também posta em causa, admitindo-se que a política também pode influenciar a confiança interpessoal. Já Newton (2006), mostra que a relação entre confiança social e confiança política é mais significativa a nível agregado do individualmente, salientando a importância da propriedade social e coletiva do conceito.

Para além do impacto da confiança que as pessoas têm umas nas outras, esta abordagem também abarca a inserção e participação nas organizações sociais. Putnam (1995) defende a inserção e o associativismo em organizações como uma fonte de civismo na medida em que pode desenvolver atitudes democráticas. A relação entre afiliações a associações e/ou organizações a atitudes de afeição política tende a ser positiva, mas não é uniforme, pois depende do tipo de organização na qual o indivíduo se insere (Van Deth, citado em Torcal e Montero, 2006).

Assim sendo, a confiança política pode ser vista, até um certo ponto, como um subproduto da confiança social (Mishler e Rose, 2001), e muitos autores têm vindo a sublinhar a importância do capital social para a política. No entanto, a relação entre capital social e desafeição política pode-se revelar-se indeterminada, podendo variar tendo em conta o contexto e ser condicionada por outros determinantes, incluindo factores políticos.

Também nas explicações culturais se pode inserir a desafeição política como subproduto de outras mudanças culturais do século XX; uma das mais centrais é a modernização. De acordo com Inglehart (1997: 4-5) desde os anos 60 que os países ocidentais têm sofrido uma mudança cultural para se adaptar às transformações estruturais, como o desenvolvimento económico e tecnológico, o aumento dos níveis de escolaridade, e a expansão dos meios de comunicação. Isto implicou uma polarização entre valores materialistas e valores pós-materialistas, estes últimos caracterizando-se por uma preferência relativamente a questões de autoexpressão, estética, pertença à comunidade, participação e qualidade de vida. A emergência destes valores tem impacto nas atitudes nas mais diversas esferas da vida, incluindo a político-ideológica, contribuindo para que os indivíduos sejam mais exigentes na avaliação do mundo político. Isto por sua vez tem efeito nos comportamentos, enfraquecendo as formas tradicionais de participação e aumentando a

propensão para uma participação política não-convencional, potenciando a emergência de novos movimentos sociais. Esta perspetiva salienta portanto o papel da cultura política na democracia.

O facto de a desafeição se ter mostrado um fenómeno com tendência relativamente estável não implica que esteja desligado de determinadas situações de conjuntura, como o desempenho económico, os escândalos políticos, ou outros eventos. No modelo mais racional, avaliam-se as condições macroeconómicas, configurações institucionais, as avaliações do desempenho governamental e económico, as preferências partidárias, os escândalos políticos, a percepção de corrupção, a implementação de políticas específicas, etc., como explicação para as atitudes políticas. Assim, salienta-se o impacto de factores institucionais e políticos, mais precisamente do desempenho percebido da política, nas atitudes políticas. A fraca percepção em relação ao governo e às instituições é um das razões apontadas para explicar os baixos níveis de desafeição política. O argumento centra-se no facto de as pessoas terem crescentes expectativas em relação às instituições, devido à extensiva função do Estado, que depois as instituições não conseguem cumprir, fazendo aumentar o sentido crítico. Assim, quanto mais desfavoráveis as avaliações políticas, mais elevado o nível de desafeição política.

O desempenho económico subjectivamente apreciado tem-se mostrado também determinante. McAllister (in Norris, 1999) concluiu que há uma relação entre satisfação económica e confiança nas instituições, mas que a mesma não se verificava quando se analisava o impacto dos indicadores objetivos de desempenho económico, por exemplo o PIB, ou o nível de desemprego. Assim sendo, a relação pode não ser tão forte quando se avalia o impacto de indicadores objetivos de desempenho das instituições.

Esta perspetiva tende portanto a encarar a desafeição política como um exercício reflexivo em que os indivíduos confrontam as avaliações que fazem dos actores e sistema políticos com as expectativas que tinham dos mesmos.

Apesar de este modelo ser associado a efeitos a curto-prazo, o mesmo também abarca o impacto das instituições e das políticas a mais longo prazo. Assim sendo, as instituições políticas são concebidas como um fenómeno relativamente estável, e os seus efeitos podem ser tratados como experiências de socialização, o que sugere que as atitudes nesta perspectiva não são totalmente racionais e estratégicas, dependendo também da interpretação dos sujeitos. Assim, esta é também influenciada por outros factores. Está-se aqui próximo da abordagem do institucionalismo histórico (Torcal e Montero, 2006: 13), afirmando que "...as instituições ajudam a definir estratégias entre os diferentes actores na presente arena política, e

desempenham também um papel importante na formação das suas preferências para o presente e para o futuro”. Salientando-se a importância do papel das memórias do passado.

Seguindo esta linha de pensamento, existem teorias que ligam as atitudes políticas às vagas de democratização, isto é, à história e tempo de democracia. Nas democracias com meio século ou mais, os cidadãos têm uma experiência democrática considerável e acumulada, visto que muitos já nasceram em democracia. Já aqueles que vivem em democracias mais recentes têm uma experiência mais delicada e limitada. Uma parte significativa dos indivíduos tem ainda presente um passado não democrático, ou referências a essas memórias, o que faz com que tenham patamares de avaliação distintos e diferentes visões em relação às instituições e aos seus representantes, muitas vezes negativas. De facto tem-se verificado que existe uma tendência para as novas democracias terem níveis de desafeição política mais elevadas (Torcal, 2006), apesar de não ser assim em todos os casos e não ser uma característica exclusiva dessas democracias. De facto, e como se verificou no gráfico apresentado no capítulo anterior, as democracias mais recentes demonstram níveis claramente superiores de desafeição política. Mas esta tendência pode não estar unicamente associada à longevidade democrática dos países, mas também à rapidez e profundidade das suas transformações. Almeida (2013) aponta uma explicação para a proximidade e sintonia de Portugal com os países de Leste em termos de atitudes e valores, pelas “transformações bruscas” experienciadas nestes países (em 1974 e 1989), argumentando que o reduzido tempo para os cidadãos e instituições assimilarem mudanças sociais profundas tem efeitos específicos nos modos como interpretam o seu contexto, criando um grande fosso entre as expectativas e as avaliações, entre o que se espera e o que se passa, podendo edificar visões pessimistas e desencantadas. Esta abordagem acaba por ter um paralelismo com a designada “fase pós-lua-de-mel” referida por Inglehart e Catterberg (2002), defendendo que após a transição para a democracia, a maioria das novas democracias sofreram um período de desilusão e desencanto com o sistema, e prevendo que vá diminuindo com a sua consolidação.

Assim sendo, pretende-se verificar em simultâneo o impacto dos fatores, quer de natureza mais cultural, ou estrutural, quer de componente mais racional, ou conjuntural, nos níveis de desafeição política. Ambiciona-se adicionalmente perceber até que ponto a dimensão interna e externa da desafeição política são formadas de forma diferente.

Num primeiro momento queremos verificar os efeitos a nível individual. Num segundo, pretende-se observar os efeitos a nível agregado, transnacional, de forma a ter em conta os contextos políticos distintos e também para explicar as diferenças encontradas entre

os países europeus. Para este efeito realizou-se um método de regressão hierárquica a dois passos, uma técnica que se aproxima da estimação multinível (Achen, 2005; Jusko and Shively, 2005).

Com base nesta revisão da literatura foi então construído um modelo para explicar os níveis de desafeição política interna e externa. Os fatores integrados¹¹ estão agrupados em conjuntos.

Em primeiro lugar, são incluídas as variáveis sociodemográficas, de forma a medir o impacto do género, da idade, do nível educacional, ou do rendimento. Não há muita informação sobre o perfil social dos indivíduos com mais propensão para a desafeição, faltando portanto saber quais as características dos mesmos. Quem são estes desafectos políticos? E até que ponto é que as atitudes de desafeição política são um fenómeno generalizado que atravessa as sociedades de forma indiferenciada? Os estudos têm demonstrado que o poder explicativo deste tipo de variáveis é relativamente baixo. Prevê-se no entanto que a desafeição seja mais elevada entre o eleitorado mais politicamente e socialmente periférico; as mulheres, os rurais, e os que não têm tantos recursos educacionais (Magalhães, 2005: 981). Também a religiosidade pode estar correlacionada com a desafeição política, associada à hipótese de o catolicismo estar ligado a um sentimento de hostilidade em relação às instituições políticas democráticas. Avança-se também a hipótese de a idade ter impacto nas atitudes de desafeição política, o que poderá dever-se ao impacto da teorização dos valores pós-materialistas, em conjunto com o processo de socialização institucional, já referidos. Incluem-se também variáveis relativas ao agregado familiar, à sua dimensão e situação económica, na medida em que há teorias que atestam que o facto de haver crianças em casa ou de a pessoa viver só afeta a forma como se olha para o futuro, e por isso como avalia se o presente.

Num segundo bloco pretende-se testar o efeito de variáveis atitudinais políticas na desafeição política. A partir do autoposicionamento ideológico na escala esquerda-direita admite-se que quanto mais os indivíduos se situam nos extremos do espectro ideológico, maior o grau de desafeição. As variáveis de avaliação da performance institucional incluem-se para testar se a desafeição política pode depender do próprio processo democrático.

Também se irá verificar a tão importante relação entre indicadores de capital social, a confiança interpessoal e convivência, com a desafeição política. Para o indicador de confiança social foi criado um índice que inclui os itens: confiança pessoal nos outros, na honestidade

¹¹ Ver anexos, pág. IX

dos outros e no seu altruísmo¹².

Por fim, testa-se o impacto da exposição mediática de conteúdo político referente à rádio, TV e jornais. A relação entre a exposição e conteúdos mediáticos e os sentimentos de desafeição política é uma temática recorrente, mas o seu quadro teórico apresenta explicações e evidências contrastantes. Por um lado, defende-se que uma maior exposição mediática a assuntos políticos acentua os sentimentos de distanciamento das pessoas em relação aos políticos e à política, na medida em que há um aumento de notícias que reforça os pontos negativos dos mesmos. Por outro lado já muitos estudos provaram que a exposição a notícias sobre política, independentemente do seu tom, leva a um público mais informado, interessado e envolvido (Luengo e Maurer, 2009: 40). Paralela a esta explicação é a perspectiva do círculo virtuoso de Norris (*idem*: 41) que defende que os que se expõem mais a notícias sobre política revelam-se mais informados, confiantes e participativos na política, e por sua vez esses são também os que se expõem mais a esse conteúdo. Desta forma, a longo termo este círculo reforça o ativismo do ativistas. Assim sendo, e tentando integrar as duas visões, admite-se que pessoas com maior exposição a conteúdos políticos, por um lado vão desenvolvendo maior capacidade de apreender abstrações políticas, podendo ter um impacto negativo na dimensão interna da desafeição política, mas por outro, um efeito inverso para a componente externa, na medida em que há uma maior exposição a aspectos da política tidos como negativos, como por exemplo escândalos políticos mediáticos. Também se acredita que os efeitos podem ser distintos dependendo do meio em causa: televisão, jornal ou rádio.

Testou-se então, numa primeira fase, este modelo explicativo em todos os 21 países, tanto para a desafeição interna como para a desafeição externa. Nos quadros 6.1 a 6.6 apresenta-se os resultados das regressões múltiplas realizada para cada país e para cada dimensão de desafeição política.

¹² $\alpha = 0,77$

Quadro 6.1: Os determinantes individuais da desafeição política interna e externa, por país (*regressões múltiplas*)

		Dinamarca				Noruega				Suécia				Finlândia			
		Desafeição política															
		interna		externa		interna		externa		interna		externa		interna		externa	
		B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta
Sociodemografia	Sexo (feminino)	5,871	,140 ***	-1,606	-,040	3,468	,097 ***	-1,502	-,041 *	4,728	,120 ***	-,966	-,024	4,761	,130 ***	,116	,003
	Idade	,009	,008	,118	,104 ***	,008	,008	,072	,069 **	,099	,093 ***	,125	,118 ***	,123	,124 ***	,163	,163 ***
	Anos de escolaridade	-1,419	-,247 ***	-,950	-,173 ***	-1,131	-,227 ***	-,749	-,146 ***	-1,367	-,244 ***	-,496	-,088 ***	-,856	-,183 ***	-,486	-,102 ***
	Empregado (sim)	-,938	-,022	,003	,000	-,673	-,018	-1,673	-,043 *	,852	,021	-,864	-,021	,980	,027	-,388	-,010
	Rendimento do agregado familiar	-,880	-,079 **	-,232	-,022	-,705	-,087 ***	,165	,020	-,804	-,074 **	-,407	-,037	-,890	-,091 ***	,048	,005
	Dimensão do agregado familiar	,364	,022	-,780	-,049	-,074	-,006	-,089	-,006	-,111	-,008	-,299	-,021	,545	,042	,286	,022
	Dimensão do habitat	-,177	-,010	-,733	-,043	-1,265	-,093 ***	,279	,020	-,741	-,043 *	-,540	-,031	-,424	-,030	,274	,019
	Grau de religiosidade	-,299	-,036	-,609	-,076 **	-,501	-,071 ***	-,284	-,039 *	-,294	-,042 *	-,470	-,067 ***	-,515	-,072 **	-,534	-,074 ***
	Satisfação com a vida	-,028	-,002	,435	,034	-,084	-,008	,108	,010	-,248	-,022	,565	,049 **	,378	,034	,532	,047 *
	Dificuldades económicas	,057	,002	1,377	,045	-,415	-,016	,056	,002	,473	,017	,988	,034	-,419	-,015	1,881	,068 **
	Nível de insegurança sentido	1,649	,061 *	-,301	-,012	1,449	,060 **	,664	,026	1,068	,043 *	,627	,025	1,711	,063 **	-,121	-,004
Atitudes políticas	Autoposicionamento político (esquerda)	-3,707	-,063 *	-6,111	-,108 ***	-4,106	-,088 ***	-6,845	-,142 ***	-3,195	-,060 *	-2,871	-,054 *	-3,395	-,066 **	-,778	-,015
	Autoposicionamento político (direita)	-1,608	-,032	3,110	,064 *	-1,614	-,036	4,274	,092 ***	-1,567	-,029	,699	,013	-,768	-,018	-1,024	-,023
	Simpatia partidária (sim)	-9,826	-,219 ***	-5,170	-,120 ***	-6,551	-,181 ***	-3,746	-,100 ***	-7,573	-,178 ***	-4,140	-,097 ***	-9,322	-,252 ***	-2,823	-,075 ***
	Satisfação com a democracia	-1,233	-,109 ***	-2,892	-,266 ***	-,536	-,059 **	-2,002	-,213 ***	-,633	-,068 **	-2,139	-,227 ***	-1,012	-,104 ***	-1,860	-,188 ***
	Satisfação com o desempenho do governo	,111	,012	-1,613	-,179 ***	,279	,030	-2,883	-,300 ***	,093	,009	-3,020	-,299 ***	-,110	-,012	-3,096	-,321 ***
Satisfação com o desempenho económico	,033	,003	-,240	-,023	,321	,040	-,084	-,010	,517	,052 *	-,165	-,016	,028	,003	-,118	-,012	
Capital social	Confiança social	-,273	-,020	-2,216	-,171 ***	,024	,002	-1,969	-,163 ***	-,692	-,058 **	-2,357	-,197 ***	,690	,059 **	-2,380	-,201 ***
	Convivência social	-,646	-,038	-,148	-,009	-,573	-,042 *	-,264	-,019	-,163	-,011	-,193	-,013	-,340	-,026	-,227	-,017
Exposição mediática política	TV	-2,140	-,126 ***	-,170	-,010	-,960	-,068 **	,089	,006	-2,087	-,118 ***	-,330	-,019	-2,285	-,142 ***	-,288	-,018
	Rádio	-,644	-,042	-,159	-,011	-,560	-,046 *	-,023	-,002	-,985	-,067 **	-,515	-,035 *	-,666	-,048 *	-,145	-,010
	Jornais	-5,342	-,194 ***	-2,119	-,080 ***	-5,468	-,252 ***	-,879	-,039	-6,346	-,225 ***	-2,671	-,094 ***	-5,213	-,202 ***	-2,364	-,090 ***
Ajusted R2			,316 ***		,319 ***		,311 ***		,360 ***		,292 ***		,437 ***		,281 ***		,431 ***
N		1506				2036				1999				2000			

Fonte: ESS 2002

Quadro 6.2: Os determinantes individuais da desafeição política interna e externa, por país (*regressões múltiplas*)

		Holanda				Luxemburgo				Suíça				Bélgica			
		Desafeição política															
		interna		externa		interna		externa		interna		externa		interna		externa	
		B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta
Sociodemografia	Sexo (feminino)	6,033	,158 ***	,206	,006	8,578	,193 ***	2,304	,058 *	5,347	,133 ***	1,155	,034	6,548	,169 ***	-,969	-,026
	Idade	,037	,032	,166	,161 ***	-,132	-,103 ***	,028	,025	,043	,037	,060	,063 **	,056	,052 *	,149	,146 ***
	Anos de escolaridade	-1,250	-,255 ***	-,421	-,095 ***	-1,500	-,264 ***	-,444	-,088 ***	-,756	-,125 ***	-,167	-,033	-1,344	-,247 ***	-,546	-,105 ***
	Empregado (sim)	-2,697	-,070 ***	,092	,003	,282	,006	,707	,018	-1,816	-,044 *	-,764	-,022	-1,482	-,038	,240	,007
	Rendimento do agregado familiar	-,705	-,071 ***	-,506	-,056 **	-1,102	-,073 **	-,630	-,047	-,238	-,020	-,081	-,008	-1,031	-,093 ***	,249	,024
	Dimensão do agregado familiar	-,081	-,006	-,291	-,024	,330	,021	,647	,046	-,019	-,001	,092	,008	,302	,022	,356	,027
	Dimensão do habitat	-1,327	-,080 ***	-,477	-,032	-1,844	-,088 ***	-,688	-,037	,557	,027	,424	,025	-1,070	-,060 **	-,446	-,026
	Grau de religiosidade	-,295	-,045 *	-,261	-,044 **	-,303	-,042	-,733	-,115 ***	-,308	-,042 *	-,251	-,041 *	-,302	-,046 *	-,447	-,072 ***
	Satisfação com a vida	-,031	-,003	,120	,011	-,229	-,021	-,348	-,035	-,358	-,030	-,074	-,007	,463	,046 *	,535	,056 **
	Dificuldades económicas	,920	,033	1,127	,045 *	2,403	,076 **	,497	,018	2,910	,097 ***	1,236	,049 *	2,366	,094 ***	3,180	,133 ***
	Nível de insegurança sentido	,927	,033	,108	,004	,673	,024	1,366	,055 *	,125	,005	-,179	-,008	1,326	,051 *	,318	,013
Atitudes políticas	Autoposicionamento político (esquerda)	-2,462	-,048 *	-3,099	-,066 **	-,967	-,016	,882	,016	-,691	-,014	-,481	-,011	-2,175	-,044 *	-,979	-,021
	Autoposicionamento político (direita)	-1,910	-,040	2,295	,053 **	-3,438	-,056 *	-2,361	-,043	-4,034	-,078 ***	-1,745	-,040	-,911	-,018	-,015	,000
	Simpatia partidária (sim)	-6,717	-,173 ***	-3,116	-,088 ***	-10,578	-,227 ***	-5,498	-,133 ***	-11,120	-,275 ***	-2,796	-,082 ***	-6,336	-,163 ***	-4,686	-,126 ***
	Satisfação com a democracia	-,620	-,059 **	-2,252	-,237 ***	-,069	-,006	-1,023	-,107 ***	-,837	-,081 ***	-1,593	-,184 ***	-,875	-,092 ***	-2,065	-,229 ***
	Satisfação com o desempenho do governo	-,104	-,011	-2,037	-,240 ***	,433	,039	-2,323	-,234 ***	-,186	-,017	-2,936	-,327 ***	-,203	-,021	-2,071	-,224 ***
Capital social	Satisfação com o desempenho económico	,130	,013	-,773	-,084 ***	-,071	-,006	,544	,054 *	,651	,064 **	,241	,028	,729	,077 **	-,390	-,043
	Confiança social	-,618	-,052 **	-2,537	-,233 ***	-,837	-,069 **	-2,673	-,248 ***	-,948	-,075 ***	-2,427	-,230 ***	-,266	-,025	-2,097	-,206 ***
Exposição mediática política	Convivência social	-,685	-,049 **	-,269	-,021	-,295	-,021	,275	,023	-,381	-,024	-,195	-,015	-,452	-,035	,298	,025
	TV	-2,697	-,175 ***	-,929	-,066 ***	-1,144	-,077 **	-,427	-,033	-2,388	-,113 ***	-,603	-,034	-2,897	-,180 ***	-,357	-,023
	Rádio	-,372	-,027	,011	,001	-,125	-,009	,386	,030	-1,249	-,062 **	,145	,009	-,604	-,042	,095	,007
Jornais	-4,046	-,155 ***	-1,251	-,053 **	-2,291	-,110 ***	-,084	-,005	-5,684	-,212 ***	-,534	-,024	-4,047	-,141 ***	-1,996	-,073 ***	
Ajusted R2		,346 ***		,420 ***		,319 ***		,256 ***		,339 ***		,365 ***		,332 ***		,411 ***	
N		2364				1552				2039				1899			

Fonte: ESS 2002

Quadro 6.3: Os determinantes individuais da desafeição política interna e externa, por país (*regressões múltiplas*)

		Alemanha				Áustria			
		Desafeição política							
		interna		externa		interna		externa	
		B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta
Sociodemografia	Sexo (feminino)	4,587	,121 ***	,228	,006	5,057	,122 ***	,911	,025
	Idade	-,023	-,022	,005	,005	-,039	-,031	,033	,030
	Anos de escolaridade	-1,471	-,264 ***	-,492	-,090 ***	-1,651	-,241 ***	-,480	-,078 ***
	Empregado (sim)	-1,150	-,030	-,830	-,022	-,927	-,022	-,534	-,014
	Rendimento do agregado familiar	-,562	-,054 **	-,456	-,045 *	-,640	-,048 *	-,551	-,046 *
	Dimensão do agregado familiar	-,074	-,005	-,557	-,039 *	,335	,026	,067	,006
	Dimensão do habitat	,180	,011	,057	,003	-1,037	-,064 **	,225	,016
	Grau de religiosidade	,042	,007	-,443	-,070 ***	-,163	-,022	-,093	-,014
	Satisfação com a vida	-,303	-,036 *	,032	,004	-,319	-,032	,198	,022
	Dificuldades económicas	1,630	,061 **	1,207	,046 **	1,592	,060 **	1,240	,052 **
	Nível de insegurança sentido	1,406	,058 **	,280	,012	1,456	,048 **	-,586	-,021
Atitudes políticas	Auto posicionamento político (esquerda)	-2,505	-,056 **	-,440	-,010	-,128	-,003	-2,568	-,056 **
	Auto posicionamento político (direita)	,226	,004	-,565	-,011	-1,196	-,021	,794	,015
	Simpatia partidária (sim)	-7,054	-,185 ***	-3,586	-,096 ***	-11,124	-,262 ***	-4,660	-,123 ***
	Satisfação com a democracia	-,374	-,047 **	-1,923	-,248 ***	,164	,019	-1,417	-,186 ***
	Satisfação com o desempenho do governo	,417	,045 *	-2,007	-,222 ***	-,469	-,056	-2,060	-,275 ***
Capital social	Satisfação com o desempenho económico	,445	,048 **	-1,171	-,130 ***	-,080	-,009	-1,013	-,122 ***
	Confiança social	-,575	-,052 **	-2,040	-,188 ***	-,167	-,016	-1,270	-,138 ***
Exposição mediática política	Convivência social	-,657	-,049 **	,071	,005	-1,568	-,113 ***	-,912	-,073 ***
	TV	-3,433	-,196 ***	-,537	-,031 *	-3,014	-,149 ***	-,575	-,032
	Rádio	-1,173	-,072 ***	-,595	-,037 *	-1,031	-,059 **	-,370	-,024
	Jornais	-3,780	-,127 ***	-1,391	-,048 **	-3,427	-,131 ***	-,749	-,032
Ajusted R2			,349 ***		,411 ***		,333 ***		,330 ***
N					2919				2257

Fonte: ESS 2002

Quadro 6.4: Os determinantes individuais da desafeição política interna e externa, por país (*regressões múltiplas*)

		Reino Unido				França				Irlanda			
		Desafeição política											
		interna		externa		interna		externa		interna		externa	
		B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta
Sociodemografia	Sexo (feminino)	5,778	,144 ***	-,545	-,014	6,394	,154 ***	1,846	,049 *	6,372	,152 ***	1,357	,034
	Idade	,077	,069 **	,111	,105 ***	,013	,011	,029	,027	-,015	-,013	,031	,027
	Anos de escolaridade	-1,076	-,178 ***	-,257	-,044 *	-1,150	-,220 ***	-,440	-,094 ***	-,998	-,158 ***	-,366	-,061 **
	Empregado (sim)	-,947	-,023	-,224	-,006	,296	,007	-,704	-,019	-1,082	-,026	-,295	-,007
	Rendimento do agregado familiar	-1,323	-,151 ***	-,240	-,028	-1,522	-,118 ***	-,814	-,071 **	-1,286	-,146 ***	-,390	-,046 *
	Dimensão do agregado familiar	1,090	,072 **	,306	,021	,548	,039	,887	,071 **	,077	,006	,404	,035
	Dimensão do habitat	-,550	-,025	-,079	-,004	-1,280	-,076 **	,341	,023	-,056	-,004	-,321	-,021
	Grau de religiosidade	-,584	-,081 ***	-,598	-,086 ***	,010	,001	-,339	-,055 *	-,189	-,022	-,254	-,031
	Satisfação com a vida	,548	,057 **	,347	,037	,232	,029	,022	,003	,685	,067 **	,317	,033
	Dificuldades económicas	-,617	-,022	,722	,026	,879	,033	,888	,037	1,244	,047 *	1,556	,061 **
Nível de insegurança sentido	1,920	,084 ***	-,002	,000	1,347	,063 **	-,150	-,008	1,362	,056 **	,647	,028	
Atitudes políticas	Autoposicionamento político (esquerda)	-2,410	-,045 *	-1,355	-,026	-5,206	-,098 ***	,399	,008	-2,127	-,035	2,123	,037
	Autoposicionamento político (direita)	-2,318	-,047 *	-1,428	-,030	-,110	-,002	-,788	-,016	,034	,001	-2,377	-,048 *
	Simpatia partidária (sim)	-7,852	-,195 **	-3,396	-,087 ***	-7,534	-,179 ***	-4,313	-,114 ***	-9,880	-,233 ***	-4,477	-,111 ***
	Satisfação com a democracia	-,156	-,017	-1,279	-,145 ***	-,662	-,078 **	-1,710	-,223 ***	-,322	-,037	-1,004	-,120 ***
	Satisfação com o desempenho do governo	,181	,020	-3,427	-,399 ***	-,794	-,086 **	-1,509	-,182 ***	-,795	-,086 **	-3,751	-,425 ***
Satisfação com o desempenho económico	-,626	-,064 **	-,038	-,004	,676	,069 *	-1,280	-,146 ***	-,096	-,010	-,119	-,013	
Capital social	Confiança social	-,253	-,021	-2,361	-,206 ***	-,475	-,040	-1,726	-,161 ***	-,314	-,029	-1,319	-,126 ***
	Convivência social	-,171	-,012	-,218	-,016	-,137	-,010	-,238	-,019	-,190	-,013	-,400	-,029
Exposição mediática	TV	-2,065	-,146 ***	,007	,001	-1,411	-,089 ***	-,387	-,027	-1,543	-,123 ***	-,440	-,037
	Rádio	-1,254	-,096 ***	-,436	-,034	-1,529	-,106 ***	-,206	-,016	-1,170	-,106 ***	-,265	-,025
	Jornais	-3,110	-,133 ***	-,267	-,012	-3,069	-,109 ***	-1,228	-,049 *	-1,739	-,110 ***	-,296	-,020
Ajusted R2		,311 ***		,402 ***		,306 ***		,384 ***		,319 ***		,406 ***	
		2052				1503				2046			

Fonte: ESS 2002

Quadro 6.5: Os determinantes individuais da desafeição política interna e externa, por país (*regressões múltiplas*)

		Espanha				Portugal				Grécia				Itália			
		Desafeição política															
		interna		externa		interna		externa		interna		externa		interna		externa	
		B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta
Sociodemografia	Sexo (feminino)	5,363	,132 ***	1,265	,034	5,341	,123 ***	-,940	-,029	6,177	,136 ***	-,377	-,010	6,384	,151 ***	,260	,007
	Idade	,017	,016	,016	,016	-,042	-,036	,001	,001	-,067	-,055 *	-,028	-,028	-,032	-,027	,044	,044
	Anos de escolaridade	-1,059	-,272 ***	-,205	-,057 *	-1,617	-,343 ***	-,371	-,106 **	-1,509	-,301 ***	-,383	-,091 ***	-1,124	-,258 ***	-,468	-,126 **
	Empregado (sim)	-3,008	-,074 **	-1,233	-,033	-,443	-,010	-,821	-,025	-,281	-,006	-,381	-,010	-1,191	-,028	-,638	-,018
	Rendimento do agregado familiar	-,212	-,014	-1,017	-,074 **	-1,461	-,110 ***	-,341	-,035	-,187	-,014	-,483	-,043 *	-,797	-,058 *	-,549	-,047
	Dimensão do agregado familiar	-,001	,000	,395	,032	-,543	-,032	-,278	-,022	,052	,003	-,183	-,014	-,492	-,030	-,353	-,025
	Dimensão do habitat	-,442	-,026	,010	,001	,578	,030	-1,225	-,085 ***	,301	,017	,459	,031	-,861	-,036	,782	,038
	Grau de religiosidade	,423	,055 *	-,179	-,025	,136	,016	-,095	-,015	,258	,025	,014	,002	,217	,026	,313	,044
	Satisfação com a vida	,625	,058 *	1,002	,100 ***	-,042	-,004	,051	,007	-,156	-,016	-,041	-,005	,107	,011	,629	,074 **
	Dificuldades económicas	2,432	,094 ***	,404	,017	3,259	,113 ***	1,067	,050	1,423	,055 **	-,044	-,002	2,337	,083 **	1,075	,044
Nível de insegurança sentido	-1,446	-,059 **	-,788	-,035	,146	,005	,494	,022	-,068	-,003	,321	,015	-,250	-,010	,276	,012	
Atitudes políticas	Autoposicionamento político (esquerda)	1,373	,026	3,668	,076 **	-5,261	-,087 **	-,175	-,004	-5,423	-,080 ***	2,043	,036	-,202	-,003	-3,132	-,061
	Autoposicionamento político (direita)	-1,116	-,018	-4,157	-,072 **	7,231	,119 ***	1,315	,029	3,019	,052 **	-2,077	-,043 *	-2,355	-,038	1,291	,024
	Simpatia partidária (sim)	-10,747	-,261 ***	-5,226	-,137 ***	-12,136	-,261 ***	-3,095	-,090 ***	-8,409	-,183 ***	-2,108	-,055 **	-7,967	-,183 ***	-4,090	-,110 ***
	Satisfação com a democracia	-,478	-,048 *	-1,487	-,162 ***	-,050	-,005	-,869	-,109 ***	-,349	-,040	-1,320	-,182 ***	,150	,015	-1,629	-,194 ***
	Satisfação com o desempenho do governo	,086	,010	-1,665	-,201 ***	-1,122	-,120 ***	-1,990	-,286 ***	,194	,021	-1,951	-,256 ***	-,648	-,068 *	-1,977	-,244 ***
Satisfação com o desempenho económico	-,190	-,019	-,920	-,101 ***	-,073	-,006	-1,032	-,114 ***	-,481	-,052 *	-,674	-,087 ***	,099	,009	-1,028	-,110 ***	
Capital social	Confiança social	-,778	-,070 **	-2,297	-,224 ***	,069	,006	-,905	-,100 ***	-,486	-,043 *	-1,323	-,141 ***	-,415	-,038	-1,536	-,163 ***
	Convivência social	-,608	-,047 *	,164	,014	-,387	-,031	-,759	-,081 ***	-,884	-,069 ***	-,086	-,008	-,640	-,051 *	-,242	-,023
Exposição mediática política	TV	-1,183	-,079 ***	-,328	-,024	-1,298	-,080 ***	-,783	-,065 **	-2,949	-,205 ***	-,468	-,039 *	-2,303	-,136 ***	-,367	-,025
	Rádio	-,820	-,063 **	,123	,010	-,743	-,041	-,856	-,064 **	-1,973	-,085 ***	,102	,005	-1,172	-,061 *	-1,001	-,061 *
	Jornais	-2,928	-,098 ***	-,449	-,016	-3,405	-,099 ***	-,896	-,035	-1,971	-,056 **	-1,198	-,041 *	-5,644	-,203 ***	-1,984	-,083 **
Ajusted R2		,290 ***		,298 ***		,369 ***		,290 ***		,305 ***		,291 ***		,365 ***		,370 ***	
N		1729				1511				2566				1207			

Fonte: ESS 2002

Quadro 6.6: Os determinantes individuais da desafeição política interna e externa, por país (*regressões múltiplas*)

		Rep. Checa				Polónia				Eslovénia				Hungria			
		Desafeição política															
		interna		externa		interna		externa		interna		externa		interna		externa	
		B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta
Sociodemografia	Sexo (feminino)	6,955	,180 ***	,822	,024	6,770	,172 ***	-,661	-,020	5,192	,136 ***	-,499	-,015	2,544	,064 **	-,384	-,010
	Idade	-,039	-,035	,011	,011	,030	,029	,057	,063 **	,127	,122 ***	,011	,011	,057	,053 *	-,025	-,023
	Anos de escolaridade	-1,444	-,224 ***	-,387	-,068 **	-1,774	-,307 ***	-,454	-,093 ***	-1,093	-,193 ***	-,149	-,029	-1,456	-,275 ***	-,315	-,060 *
	Empregado (sim)	-1,752	-,045	1,330	,039	-1,026	-,026	,097	,003	-,731	-,019	-,718	-,021	-1,527	-,039	-,184	-,005
	Rendimento do agregado familiar	-,194	-,013	-,357	-,027	-,166	-,012	-,221	-,019	-,618	-,044	,582	,046	-,935	-,075 **	-,383	-,031
	Dimensão do agregado familiar	-,720	-,050	-,001	,000	-,551	-,047 *	,111	,011	,180	,014	-,805	-,072 **	-,211	-,016	,608	,047 *
	Dimensão do habitat	-,993	-,058 *	-,461	-,030	-,450	-,026	,130	,009	-,826	-,046	,127	,008	,146	,009	-,407	-,024
	Grau de religiosidade	-,080	-,012	-,314	-,053 *	-,032	-,004	-,176	-,025	-,205	-,030	-,231	-,038	-,247	-,038	-,314	-,049 *
	Satisfação com a vida	-,620	-,069 **	,247	,031	,090	,012	,150	,023	-,309	-,038	-,015	-,002	,102	,013	-,523	-,066 **
	Dificuldades económicas	,124	,005	,536	,023	1,711	,059 **	,235	,010	,819	,033	-,092	-,004	,921	,036	,026	,001
	Nível de insegurança sentido	,182	,006	-,215	-,008	-,246	-,009	,388	,017	,145	,005	,126	,005	-1,075	-,036	-,343	-,012
Atitudes políticas	Autoposicionamento político (esquerda)	4,440	,083 **	1,002	,021	-,234	-,004	,001	,000	-,870	-,018	1,350	,030	-,840	-,016	-,433	-,008
	Autoposicionamento político (direita)	-8,056	-,163 ***	-1,201	-,028	-,952	-,018	,009	,000	-1,838	-,033	,505	,010	-3,852	-,071 **	-,236	-,004
	Simpatia partidária (sim)	-8,857	-,225 ***	-2,101	-,061 **	-9,244	-,210 ***	-2,591	-,069 ***	-9,976	-,245 ***	-3,193	-,088 ***	-8,579	-,212 ***	-2,158	-,054 *
	Satisfação com a democracia	,322	,039	-1,351	-,184 ***	-,151	-,017	-,905	-,119 ***	-,369	-,044	-1,285	-,169 ***	-,184	-,021	-1,093	-,125 ***
	Satisfação com o desempenho do governo	-,984	-,107 ***	-1,881	-,232 ***	-,775	-,080 **	-2,730	-,333 ***	-,453	-,055	-2,037	-,278 ***	-,727	-,087 **	-2,319	-,282 ***
Satisfação com o desempenho económico	,535	,058	-1,279	-,157 ***	,122	,012	-,789	-,089 ***	,505	,061 *	-,565	-,076 *	,148	,015	-1,135	-,113 ***	
Capital social	Confiança social	-,717	-,072 **	-1,862	-,212 ***	-,888	-,082 ***	-1,603	-,176 ***	,260	,028	-1,332	-,158 ***	-,539	-,054 *	-1,951	-,198 ***
	Convivência social	-,251	-,020	,090	,008	-,131	-,011	,048	,005	,161	,014	-,409	-,039	-,540	-,050 *	,121	,011
Exposição mediática política	TV	-1,935	-,116 ***	,038	,003	-3,054	-,185 ***	-,705	-,051 *	-2,122	-,125 ***	-,786	-,052 *	-2,562	-,143 ***	-,640	-,036
	Rádio	-,483	-,032	-,502	-,038	-,698	-,046 *	-,066	-,005	-,665	-,046 *	-,481	-,037	-,514	-,036	-,267	-,019
	Jornais	-4,992	-,175 ***	-2,060	-,082 ***	-4,411	-,136 ***	-1,146	-,042 *	-4,830	-,191 ***	-2,194	-,097 ***	-4,492	-,179 ***	-,901	-,036
Ajusted R2			,346 ***		,387 ***		,374 ***		,322 ***		,316 ***		,329 ***		,357 ***		,353 ***
N		1360				2110				1519				1685			

Fonte: ESS 2002

Em primeiro lugar, no que se refere ao bloco de variáveis sociodemográficas, verifica-se que no geral as mesmas têm maior impacto na dimensão da política interna da desafeição política. O género provou-se uma das variáveis mais importantes; demonstrando que as mulheres tendem a ter níveis de desafeição política interna mais elevadas em todos os países europeus. No entanto esta variável não tem qualquer impacto na dimensão externa da desafeição, na grande generalidade dos países. Os anos de escolaridade destaca-se pelo o seu forte valor preditivo em ambas as dimensões de desafeição política, sendo que os cidadãos com mais anos de escolaridade são os que se sentem menos distantes da política e das instituições. Esta relação é verdadeira para todos os países no que toca à dimensão mais interna da desafeição, mas não é tão forte, nem acontece, em todos os países quando está em causa a desafeição institucional. Neste âmbito os anos de escolaridade acabam por ter mais impacto nos países com os níveis médios mais baixos e os que têm os níveis mais altos de desafeição política, mas nenhum ou menor impacto nos países que apresentam níveis médios.

A idade não se apresentou um fator muito preditivo da desafeição política na maioria dos países, tendo mais impacto nos países que apresentavam níveis inferiores de desafeição política em comparação com os outros países europeus, particularmente na dimensão mais externa; nestes casos quanto mais velhos os cidadãos, mais descrentes dos representantes políticos.

O rendimento do agregado familiar revelou-se um preditor importante dos níveis de desafeição política em muitos países do centro da Europa e alguns escandinavos e da Europa do Sul. Os indivíduos com maior rendimento familiar sentem-se menos afastados da política. Já na dimensão externa, o efeito foi muito mais modesto. Contrariando a tendência geral dos outros fatores sociodemográficos, o grau de religiosidade apresentou maior impacto na dimensão mais externa da desafeição política, tem um impacto muito minimizado na dimensão interna. Este impacto revelou-se nos países nórdicos e do centro da Europa: quanto mais religiosas as pessoas se reconhecem, mais confiança revelam perante as instituições e representantes políticos. A dificuldade económica sentida teve também algum impacto em alguns países, curiosamente mais na dimensão interna da desafeição; este efeito foi saliente nos países do sul, e do centro da Europa, em que maior dificuldade económica sentida corresponde a maior distância pessoal à política, foi nulo nos países do norte.

As restantes variáveis deste conjunto tiveram um efeito mínimo nos níveis de desafeição política na Europa. A dimensão do sítio onde se vive teve algum impacto, positivo, nos países do centro da Europa, na dimensão interna da desafeição, e em Portugal, na dimensão externa, em termos negativos. A satisfação com a vida tem um impacto muito baixo

nas dimensões de desafeição política e em poucos países. O nível de insegurança sentido teve somente efeito na dimensão interna da desafeição de alguns países europeus, associando os sentimentos de insegurança a afastamento político. A dimensão do agregado familiar, e o estatuto de empregabilidade, foram as variáveis sociodemográficas que menor impacto demonstram nos níveis de desafeição política na Europa.

Olhando o conjunto de variáveis independentes relativas às atitudes políticas, em termos gerais consegue-se apurar que, no seu conjunto o seu impacto é mais elevado no índice de desafeição política externa. A variável independente mais evidente e consensual é a que se refere ao sentimento de simpatia por algum partido político. Este efeito tende a ser muito significativo, nas duas dimensões de desafeição política, em praticamente todos os países; os europeus que afirmam sentirem simpatia por algum partido são consistentemente aqueles que revelam menor grau de desafeição política, o que não só faz sentido, como é quase tautológico.

Avaliou-se também o impacto de as pessoas assumirem uma posição de esquerda ou de direita, ou de se colocarem no centro, nos níveis de desafeição política. Os resultados mostram-se inconsistentes e muito diversos, variando bastante de país para país, mas na globalidade esta variável não pareceu introduzir muita explicação.

Testou-se igualmente uma série de atitudes que se referem à avaliação do desempenho político: à democracia, ao governo e à economia. A avaliação positiva da forma como funciona a democracia, como o governo, tem um impacto muito significativo e negativo na desafeição política na grande maioria dos países Europeus, esse impacto é menor, e em menos países, com referência à dimensão interna da desafeição; permanecendo maioritariamente nos países escandinavos e do centro. A satisfação com o desempenho económico tem um forte impacto na mesma direção essencialmente nos países do centro e do sul da Europa, sendo insignificante para os países do norte ou do leste.

O bloco seguinte pretendia verificar as teorias do capital social. Incluiu-se uma variável de confiança pessoal em relação aos outros, e uma referente à convivência social. Está última não teve efeito para a grande maioria dos países europeus, nos dois índices. Já a confiança interpessoal revelou ser muito significativa em todos os países europeus na dimensão externa da desafeição; ou seja, quanto menos os cidadãos europeus confiam uns nos outros, menos confiam nos políticos e no sistema. O seu efeito foi menor na dimensão interna da desafeição política.

Por último foram incluídas variáveis de exposição mediática política. Verificou-se que, genericamente, o efeito é muito mais significativo na dimensão interna da desafeição

política, e através da tv e jornais. A exposição mediática a conteúdo político nos jornais é a variável independente mais abrangente por também mostrar algum efeito em alguns países europeus, nomeadamente os escandinavos, os da europa do sul e de leste. A tendência vai no sentido de quanto maior a exposição mediática referente a conteúdos de natureza política, mais próximos os indivíduos se sentem da política, na sua vertente pessoal cognitiva e sentimental.

Num segundo passo quis-se explicar as variações a nível agregado¹³. Inclui-se a variável longevidade de democracia e o Índice de Desenvolvimento Humano para atestar respetivamente o efeito da socialização das instituições e da modernização já anteriormente descritos. Também foi incorporada uma variável relativamente à situação macroeconómica dos países: as desigualdades económicas (coeficiente de gini). Por fim pretendeu-se também associar um indicador mais subjetivo a nível agregado, testando se em países em que as pessoas têm uma perceção de corrupção mais elevada, se se associa a maiores níveis de desafeição política.

Quis-se explicar as principais variações encontradas das regressões a nível individual entre os países através das condições contextuais elegidas. Assim pretendeu-se perceber se as diferenças encontradas entre países a nível do efeito das dificuldades económicas sentidas e da satisfação com a democracia na desafeição política interna, e a nível do efeito da satisfação com o desempenho económico e da exposição a conteúdo político nos jornais na desafeição política externa, se devem às variáveis independentes introduzidas. Os resultados apresentam-se no Quadro 11.

Quadro 6.7: Os determinantes transnacionais para as variações dos impactos de variáveis individuais na desafeição política interna e externa

	Desafeição política interna				Desafeição política externa			
	Dificuldades económicas sentidas		Satisfação com a democracia		Satisfação com o desempenho econ.		Exposição política nos jornais	
	B	Beta	B	Beta	B	Beta	B	Beta
Anos de democracia	,000	-,014	-,005	-,307	,014	,630	,009	,298
Índice de Desenvolvimento Humano	-1,546	-,042	2,999	,229	-9,338	-,539	-13,578	-,544
Coeficiente de Gini	,161	,521 *	-,004	-,032	,006	,042	,137	,654 *
Corrupção subjectiva	-,064	-,108	-,117	-,554	,180	,642	,149	,370
Ajusted R2	,142		,207		,413 **		,185	
N	21							

Fonte: ESS 2002

Verifica então que as desigualdades económicas parecem ter um efeito saliente nas

¹³ Para a explicação e fontes das variáveis, ver anexos pág. XII

explicações destas variações entre países, reforçando tanto a relação entre as dificuldades económicas sentidas e a desafeição política interna, como a relação entre a exposição de conteúdo político nos jornais e a desafeição política externa. Ou seja, quanto maior as desigualdades económicas de um país, maior é o impacto positivo das dificuldades económicas sentidas individualmente nos níveis de desafeição política.

Os anos de democracia, o Índice de Desenvolvimento Humano, e a corrupção percebida não explicam significativamente as diferenças entre países.

Não se confirmou portanto a importância do tempo de existência das instituições democráticas nos níveis de desafeição política. Assim provou-se que a associação entre a maturidade democrática do país e os seus níveis de desafeição política não é clara. O que não significa porém que o passado democrático é irrelevante. Estas atitudes podem não ser formadas em relação ao tempo sob democracia por si só, mas podem depender em grande medida da natureza desse passado democrático, como por exemplo a qualidade das democracias e da forma como inclui os seus cidadãos no processo democrático (Torcal, 2006)

7. CONCLUSÕES E REFLEXÕES FINAIS

Neste trabalho aprofundou-se o conceito de desafeição política. Confirmou-se a estrutura bidimensional da desafeição política; uma mais orientada para o interno e outra mais externa. As mesmas mostram estar associadas, embora sejam formadas por diferentes fatores sociais e atitudinais. Concluindo-se assim que elas são de facto relativamente autónomas.

Em relação à desafeição política interna salienta-se o impacto das variáveis respeitante ao perfil social dos cidadãos, com destaque para os europeus do sexo feminino e os menos escolarizados, que apresentaram uma maior distância pessoal à política. A exposição mediática, principalmente em relação aos jornais, tem também um impacto significativo para os indivíduos se sentirem mais próximos da política.

Quanto à dimensão externa sobressai o papel determinante das atitudes políticas e do capital social. A avaliação positiva do funcionamento das instituições, por um lado, e da confiança em relação aos outros, por outro, diminuem significativamente os níveis de distanciamento em relação aos representantes políticos na maioria dos países europeus.

Os fatores económicos, como o rendimento ou as dificuldades económicas sentidas para a desafeição interna, e a avaliação negativa do desempenho económico para a dimensão externa, potenciaram significativamente a distância à política nos países do sul e do centro da Europa.

Embora sejam elevados pela generalidade dos países Europeu, comprovou-se também que a desafeição política não é um fenómeno generalizado que afete a Europa de igual forma. Identificaram-se cinco combinações destes níveis, com os países escandinavos e os países do sul e do leste europeu a destacarem-se por se revelarem em pólos opostos. Também não se confirma o pressuposto geral apontado por alguns autores de um claro, crescente e consistente distanciamento e desconfiança dos cidadãos em relação à política. A dimensão mais interna da desafeição política, verificada através das tendências dos níveis de interesse político, parece ser imune a conjunturas de mais curto-prazo. Já a dimensão mais externa, verificada através da confiança em relação aos representantes políticos, parece ser mais volátil e denuncia tendências diversas, por vezes inconsistentes, por toda a Europa. Os países escandinavos demonstraram tendência para uma diminuição da desconfiança política, tal como na Holanda e na Polónia. Já na Bélgica e em Portugal assiste-se a um aumento da desconfiança das instituições políticas. E enquanto em muitos países os seus níveis têm sido estáveis na última década, temos depois o exemplo da Hungria que demonstra oscilações expressivas em ambos os sentidos. A crise económica e social europeia parece ainda não ter

revelado grande impacto, apesar de já existir em alguns indícios do agravamento dos níveis de desconfiança política de 2008 para 2010 em muitos dos países, sendo mais saliente na Dinamarca e na Finlândia e nos países com maior dificuldade, Espanha, Portugal e Eslovénia.

De forma a explicar as variações entre países o indicador mais relevante foi o da desigualdade económica, mas mais nenhuma variável contextual introduziu diferenças significativas. Isto é reflexo, por um lado, e mais uma vez, da importância do macroeconómico, e por outro, da menor relevância de indicadores objetivos para explicar os níveis de desafeição política.

Além da sintetização dos principais resultados obtidos, importa também apresentar pistas e desenvolvimentos futuros que advêm de questões que foram surgindo com o desenvolvimento desta dissertação. Em primeiro lugar, seria interessante continuar a aprofundar esta diferenciação entre desafeição política interna e externa, nomeadamente em termos dos impactos nos comportamentos dos cidadãos.

Seria também importante investir mais nos efeitos de contexto nos níveis de desafeição política. Como se verificou, a maturidade das democracias por si só não explica as diferenças encontradas entre os países, assim seria interessante explorar de forma mais profunda o impacto da natureza do passado democrático nestas atitudes, incluindo mais fatores políticos, com indicadores que reflitam o tipo, qualidade e eficácia das democracias e suas instituições, tal como os efeitos de eventos mais pequenos específicos, mas também de conjunturas mais determinantes e prolongadas. Será portanto também interessante perceber até que ponto a crise económica e social na Europa, e as políticas de austeridade, mais profundamente em alguns países, terá impacto nas atitudes dos cidadãos. Será que as dificuldades que os europeus sentem irão fazer com que se afastem mais da política e das instituições, pondo em causa a capacidade e credibilidade do governo e do sistema em prevenir e lidar com os desafios da crise? Ou pelo contrário, podem as posições vulneráveis fazer com que os indivíduos tenham uma maior perceção do efeito da política nas próprias vidas, fazendo então com que se aproximem mais, mesmo através de formas não convencionais, como por exemplo manifestações, causando também uma modificação nas suas atitudes?

Por outro lado seria também interessante investir em abordagens mais qualitativas e intensivas em relação às atitudes políticas. Os estudos na área têm se centrados nos métodos quantitativos, ignorando uma dimensão mais profunda e cognitiva acerca dos cidadãos como intérpretes, de compreensão própria, que atribui significado às suas relações com a política. Um dos estudos que abordou o fenómeno nesta perspetiva concluiu que um dos problemas

centrais é o facto de as pessoas não compreenderem, ou compreenderem mal, a natureza do processo político (Van Wessek, 2010). Seria portanto importante apostar em estudos de caso aprofundados, centrados no discurso dos cidadãos, de forma a captar esta dimensão que não surge com tanta relevância em análises mais abrangentes, de forma a poder vir a contribuir para uma melhor e mais completa compreensão desta problemática.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, João Ferreira de (2007), “Novos e velhos aspetos da epistemologia das ciências sociais”, in *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº55, pp: 11-24;
- Almeida, João Ferreira de (2013), *Desigualdades e Perspetivas dos cidadãos: Portugal e a Europa*;
- Achen, Christopher (2005), “Two-step Hierarchical Estimation: Beyond regression analysis”, *Political Analysis*, nº 13, 4, pp: 447-456;
- Berger, Peter e Thomas Luckmann (1996), *A Construção Social da realidade*, Petropolis, Vozes;
- Bourdieu, Pierre (1986), “The forms of capital”, in Richardson (ed.), *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*, New York: Greenwood, pp. 241-258;
- Bourdieu, Pierre (1997), “Espaço social e espaço simbólico”, in *Razões práticas sobre a Teoria da Acção*, Oeiras, Celta, pp 3-4;
- Bynner, J., & Ashford, S. (1994). Politics and participation: Some antecedents of young people's attitudes to the political system and political activity. *European Journal of Social Psychology*, 24, 223–236;
- Citrin, Jack, McClosky, H, shanks, JM and Sneiderman, PM (1975), “Personal and Political Sources of Political Alienation”, *British Journal of Political Science*, nº5 (1), pp 1-31;
- Dalton, Russell (1998), “Political Support in Advanced Industrial Democracies”, in Pippa Norris, *Critical Citizens: Global Support for Democratic Governance*, Oxford: Oxford University Press, pp. 57-77;
- Dalton, Russell (2004), *Democratic Challenges, democratic choices: the erosion of political support in advanced industrial democracies*, New York: Oxford University Press;
- Freire, André (2003), “Desempenho da democracia e reformas políticas: o caso português em perspectiva comparada”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 43, pp:113-60;
- Freire, André, Marina Costa Lobo e Pedro Magalhães (orgs.) (2004), *Portugal a Votos: as eleições legislativas de 2002*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais;
- Freire, André (2006), *Esquerda e Direita na Política Europeia. Portugal, Espanha e Grécia em Perspetiva Comparada*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais;
- Fukuyama, Francis (1996), *Confiança: valores sociais e criação de prosperidade*, Lisboa, Gradiva;
- Frassinetti, António Murga (2008), “Cultura Política: un inventario bibliográfico”, *Ver, Ciencias Sociales Universidad de Costa Rica*, 121 (III), pp: 107-131;
- Heimer, Franz-Wihelm, Jorge Vala e José Manuel Viegas (1990), “Padrões de cultura política em Portugal: atitudes em relação à democracia”, *Análise Social*, XXV, pp 31.56;
- Huntington, Samuel (1991), *The Third Wave: Democratization in the Late Twentieth Century*, Norman: University of Oklahoma Press;
- Ingelhart, Ronald (1997), *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles among Western Publics*, Princeton: Princeton University Press;
- Inglehart, Ronald and Gabriela Catterberg (2002), “Trends in political action: the developmental trend and the post-honeymoon decline”, *International Journal of Comparative Sociology*, 43, pp: 300-316;
- Jowell, Roger et al (2007), “The European Social Survey as a measurement model”, in *Measuring Attitudes Cross-Nationally: lessons from the European Social Survey*, pp: 1-31;
- Jusko, Karen, and Shively, Philips (2005), “Applying a Two-step Strategy to the Analysis of a Cross-Nation Public Opinion Data”, *Political Analysis*, nº 13, 4, pp: 327-344;

- Lima, Luísa (2006), “Atitudes: estrutura e mudança”, in Jorge Vala e Maria Monteiro, *Psicologia Social*, Lisboa, Edição Fundação Calouste Gulbenkian;
- Luengo, O. G., & Maurer, M. (2009). A Virtuous Circle for All ? Media Exposure and Political Trust in Europe. *CONfines*, 39–48;
- Lühiste, K. (2006). Explaining trust in political institutions: Some illustrations from the Baltic states. *Communist and Post-Communist Studies*, 39(4), 475–496.
doi:10.1016/j.postcomstud.2006.09.001
- Martín, Irene (2005), “Interés por la política y desapego político”, in Torcal, Morales e Pérez-Nievas, *Política y Sociedade n perspectiva comparada. Un análisis de la primera ola de la Encuesta Social Europea*, España: Tirant lo Blanch, pp: 63-82;
- Magalhães, Pedro (2005), “Disaffected democrats: Political attitudes and political action in Portugal”, *West European Politics*, nº 28, vol.5, pp: 973-991;
- Magalhães, Pedro (2006), “Confidence in parliaments: performance, representation and accountability” in Mariano Torcal e José Ramón Montero *Political Disaffection in Contemporary Democracies – Social capital, institutions and politics*, New York: Routledge, 190-214;
- Mishler, William and Richard Rose (2001), “What are the origins of political trust? Testing Institutional and Cultural Theories in Post-Communist Societies”, *Comparative Politics Studies*, nº 34, vol 1, pp: 30.62;
- Montero, José Ramón, Richard Gunter and Mariano Torcal (1997), “Democracy in Spain: Legitimacy, Discontent and Disaffection”, *Studies in Comparative International Development*, no 32, vol 3, pp: 124-160;
- Morrell, Michael E. (2003), “Survey and Experimental Evidence for a Reliable and Valid Measure of Internal Political Efficacy”, *The Public Opinion Quarterly*, nº 67 (4), pp: 589-608;
- Newton, Kenneth (2006), “Institutional confidence and social trust: aggregate and individual relations” in Mariano Torcal e José Ramón Montero *Political Disaffection in Contemporary Democracies – Social capital, institutions and politics*, New York: Routledge, 81-100;
- Newton, Kenneth, and Norris, Pippa (1999), “Confidence in Public Institutions: faith, culture or performance?”, *Annual Meeting of the American Political Science Association*, pp: 1-33
- Norris, Pippa (1999), “The growth of critical citizens?”, in Pippa Norris *Critical citizens: Global Support for Democratic Governance*, Oxford: Oxford University Press: 1-27;
- OECD (2008), “Handbook on constructing composite indicators: methodology and user guide”;
<http://www.oecd.org/redirect/dataoecd/37/42/42495745.pdf>;
- Pires, Rui Pena (2007), “Árvores conceptuais: uma reconstrução multidimensional dos conceitos de ação e de estrutura”, in *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 53 pp: 11-50;
- Putnam, Robert (2000), *Bowling alone: the collapse and revival of American community*, New York, Touchstone;
- Putnam, Robert (1995), “Bowling Alone: America’s Declining Social Capital”, *Journal of Democracy*, n 6, vol 1: 65-78;
- Sztompka, Piotr (1999), *Trust: a Sociological Theory*, Cambridge, University Press;
- Torcal, Mariano e José Ramón Montero (2006), “Political disaffection in comparative perspective” in Mariano Torcal e José Ramón Montero *Political Disaffection in Contemporary Democracies – Social capital, institutions and politics*, New York: Routledge, 3-19;
- Torcal, Mariano (2006), “Political disaffection and democratization history in new democracies” in Mariano Torcal e José Ramón Montero *Political Disaffection in Contemporary Democracies –*

- Social capital, institutions and politics, New York: Routledge;
- Torcal, Mariano and Ignacio Lago (2006), "Political participation, information, and accountability: some consequences of political disaffection in new democracies" in Mariano Torcal e José Ramón Montero *Political Disaffection in Contemporary Democracies – Social capital, institutions and politics*, New York: Routledge, 308-332;
- Van Wessel, Margit (2010), "Political Disaffection: What can we learn from asking the people" in *Parliamentary Affairs*, no 30, vol 63, pp: 504-523;
- Wright, James (1981), "Political disaffection", in Long, Samuel, *The Handbook of Political Behaviour*, New York, Plenum Press, pp: 1-79.

ANEXOS

A. Indicadores de desafeição política

Quadro A.1: Indicadores de desafeição política em cada *round* do *European Social Survey*:

ESS 1 (2002)	ESS 2 (2004)	ESS 3 (2006)	ESS 4 (2008)	ESS 4 (2010)
De um modo geral, qual o seu interesse pela política?				
Com que frequência a política lhe parece tão complicada que não percebe verdadeiramente o que se está a passar?				
Acha que podia participar num grupo dedicado a questões políticas?				
De uma forma geral, qual o grau de dificuldade que sente em tomar uma posição acerca de questões políticas?				
Acha que os políticos, em geral, se interessam por aquilo que as pessoas como o sr/a sra pensam?				
Em geral, os políticos estão mais interessados em ganhar os votos das pessoas e não se interessam tanto pelas suas opiniões?				
Diga-me, por favor, qual a confiança pessoal que tem em cada uma das instituições: ...na Assembleia da República/ ...no sistema jurídico/ ...na polícia/ ...nos políticos/... nos partidos políticos (ausente no ESS1)/ ...no Parlamento Europeu/ ...nas Nações Unidas				
Qual a importância da política na sua vida?				

Quadro A.2: Indicadores de desafeição política e as transformações nas variáveis

Indicador	Pergunta no questionário	Categorias	Transformação - inversão de escalas
Desinteresse na política	De um modo geral, qual o seu interesse pela política	1= Muito interesse	
		2= Algum interesse	
		3= Pouco interesse	
		4= Nenhum interesse	
A política é complicada	Com que frequência a política lhe parece tão complicada que não percebe verdadeiramente, o que se está a passar?	1= Nunca	
		2= Raramente	
		3= Algumas vezes	
		4= Bastantes vezes	
		5= Frequentemente	
Capacidade de participar em questões políticas	Acha que podia participar num grupo dedicado a questões políticas?	1= De certeza que não	1= De certeza que sim
		2= Provavelmente não	2= Provavelmente sim
		3= Não tenho a certeza	3= Não tenho a certeza
		4= Provavelmente sim	4= Provavelmente não
		5= De certeza que sim	5= De certeza que não
Dificuldade em tomar posições políticas	De uma forma geral, qual o grau de dificuldade que sente em tomar uma posição acerca de questões políticas?	1= É muito difícil	1= É muito fácil
		2= É difícil	2= É fácil
		3= Nem é difícil nem é fácil	3= Nem é difícil nem é fácil
		4= É fácil	4= É difícil
		5= É muito fácil	5= É muito difícil
Desinteresse dos políticos por aquilo que as pessoas pensam	Acha que os políticos, em geral, se interessam por aquilo que as pessoas como o sr/ a sra pensam?	1= Quase nenhuns se interessam	1= Quase todos se interessam
		2= Muito poucos se interessam	2= Muitos interessam-se
		3= Alguns interessam-se	3= Alguns interessam-se
		4= Muitos interessam-se	4= Muito poucos se interessam
		5= Quase todos se interessam	5= Quase nenhuns se interessam
Desinteresse dos políticos nos votos, em vez de na opinião das pessoas	Em geral, os políticos estão mais interessados em ganhar os votos das pessoas e não se interessam tanto pelas suas opiniões?	1= Quase todos estão interessados apenas nos votos	1= Quase todos estão interessados na opinião das pessoas
		2= A maior parte está interessada apenas nos votos	2= A maior parte está interessada na opinião das pessoas
		3= Alguns estão interessados apenas nos votos, outros não	3= Alguns estão interessados apenas nos votos, outros não

		4 = A maior parte está interessada na opinião das pessoas	4 = A maior parte está interessada apenas nos votos
		5= Quase todos estão interessados na opinião das pessoas	5= Quase todos estão interessados apenas nos votos
Desconfiança no Parlamento	Diga-me, por favor, qual a confiança pessoal que tem em cada uma das instituições: no Parlamento	Escala de 0 a 10:	
		0= Nenhuma confiança	0= Toda a confiança
		10= Toda a confiança	10= Nenhuma confiança
Desconfiança nos políticos	Diga-me, por favor, qual a confiança pessoal que tem em cada uma das instituições: nos políticos	Escala de 0 a 10:	
		0= Nenhuma confiança	0= Toda a confiança
		10= Toda a confiança	10= Nenhuma confiança
Irrelevância da política na vida	Qual a importância da política na sua vida?	Escala de 0 a 10:	
		0= Nada importante	0= Extremamente importante
		10= Extremamente importante	10= Nada importante

B. Análise em Componentes Principais

Quadro B.1: Estatísticas descritivas dos indicadores de desafeição política

	Mean	Std. Deviation	Analysis N
Desinteresse na política	2,52	,879	38548
A política é complicada	3,11	1,139	38548
Capacidade de participar em questões políticas	3,68	1,342	38548
Dificuldade em tomar posições políticas	2,94	1,057	38548
Irrelevância da política na vida	5,5957	2,57245	38548
Desinteresse dos políticos por aquilo que as pessoas pensam	3,6055	1,04568	38548
Interesse dos políticos nos votos, em vez de na opinião das pessoas	3,75	1,032	38548
Desconfiança no Parlamento	5,0629	2,41207	38548
Desconfiança nos políticos	6,0595	2,28665	38548

Quadro B.2: Medida de KMO e Teste de Esfericidade de Bartlett

KMO and Bartlett's Test		
Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,785
Bartlett's Test of Sphericity	Approx. Chi-Square	102880,338
	Df	36
	Sig.	,000

O valor de KMO=0,785 indica-nos que a matriz de input tem uma adequabilidade boa para a realização da Análise em Componentes Principais.

Rejeita-se a hipótese nula do teste de Bartlett, que também permite concluir existe correlações entre as variáveis iniciais.

Quadro B.3: Variância explicada pelas componentes

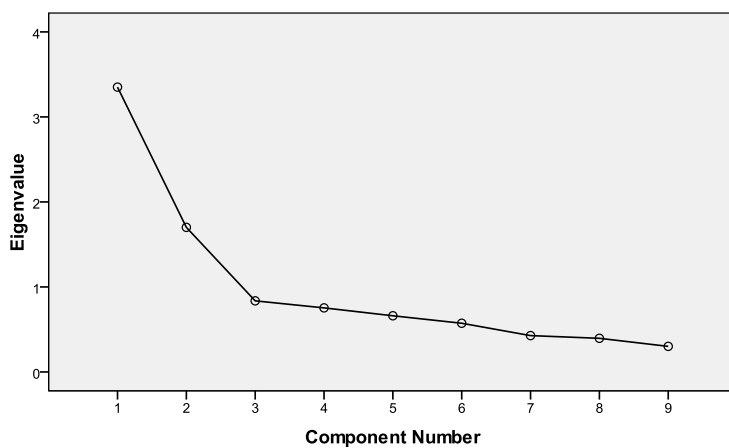
Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	3,351	37,229	37,229	3,351	37,229	37,229	2,599	28,872	28,872
2	1,701	18,900	56,129	1,701	18,900	56,129	2,453	27,256	56,129
3	,837	9,295	65,423						
4	,754	8,375	73,798						
5	,661	7,343	81,141						
6	,573	6,366	87,507						
7	,428	4,751	92,258						
8	,396	4,397	96,656						
9	,301	3,344	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Para a extração das variáveis, utilizou-se o critério de Kaiser, que selecionou as componentes com valores próprios acima de 1.

Figura B.1: Scree-plot



O gráfico de scree-plot confirmou a extração de duas componentes.

C. Criação dos índices de desafeição política interna e externa

Normalização das variáveis com o método Min-Max (OECD, 2008: 28):

A normalização dos dados é necessária antes da agregação de indicadores com unidades de medida ou escalas diferentes. Existem muitos métodos de normalização. Um deles é o método Min-max, que transforma a escala dos indicadores num mesmo intervalo de variação (de 0 a 100) ao subtrair para cada valor o respetivo valor mínimo e dividindo pelo intervalo de valores do indicador, e multiplicando por 100:

$$(X - \text{valor mínimo do indicador} / \text{valor máximo do indicador} - \text{valor mínimo do indicador}) * 100$$

Quadro C.1: Estatísticas descritivas dos índices

		Índice de desafeição interna	Índice de desafeição externa
N	Valid	37467	37363
	Missing	31	134
Mean		57,9418	64,4304
Median		58,3333	65,0000
Std. Deviation		21,04764	19,17607
Minimum		,00	,00
Maximum		100,00	100,00

Quadro C.2: Média dos índices por país

	Índice de desafeição interna		Índice de desafeição externa	
	N	Média	N	Média
Noruega	2036	52,4	2036	49,8
Suécia	1999	52,6	1999	50,1
Finlândia	2000	58,9	2000	53,2
Dinamarca	1506	45,4	1506	46,7
Reino Unido	2052	56,9	2052	61,6
França	1503	63,5	1503	64,5
Alemanha	2919	47,9	2919	65,3
Áustria	2257	51,7	2257	64,7
Holanda	2364	53,1	2364	54,4
Bélgica	1899	60,5	1899	60,1
Luxemburgo	1552	59,0	1552	56,5
País Suíça	2039	52,1	2039	53,0
Irlanda	2046	58,3	2046	63,2
Hungria	1685	58,9	1685	62,0
Rep.Checa	1360	62,4	1360	69,7
Polónia	2110	60,8	2110	72,8
Eslovénia	1519	61,0	1519	70,0
Italia	1207	63,7	1207	65,6
Espanha	1729	66,2	1729	67,7
Portugal	1511	64,5	1511	73,1
Grécia	2566	56,9	2566	69,9
Israel	2499	52,0	2499	66,8
Total	42358	56,5	42358	61,8

D. Análise de *clusters*

Em primeiro lugar realizou-se uma análise através do método Hierarchical Cluster Analysis (medida de semelhança utilizado= distância euclidiana ao quadrado; método de agrupamento= Ward, e vizinho mais afastado), de forma a conseguir determinar o número de clusters mais adequado, e posteriormente através do Método K-Means Cluster Analysis, de forma a otimizar a pertença dos casos.

D. Regressões múltiplas

Quadro D.1 Variáveis independentes de nível individual:

Indicador	Pergunta no questionário	Transformação
Sexo (feminino)	(codifique o sexo)	Recodificação dos códigos das categorias para: masculino = 0 e feminino = 1
Idade	Em que ano é que o sr/a) nasceu	Cálculo da idade: 2002 - Ano nascimento
Anos de escolaridade	Quantos anos completos de escolaridade terminou?	
Empregado (sim)	Qual das seguintes descrições melhor define a sua situação?	Recodificação dos códigos das categorias para: a fazer trabalho pago = 1, todas as outras = 0
Rendimento do agregado familiar	Se somar o rendimento de todas as fontes, qual é a letra que melhor descreve o rendimento líquido do seu agregado familiar? Se não souber o número exato, por favor dê um valor aproximado. Refira-se ao período que conhece melhor: por semana, por mês ou por ano	?
Dimensão do agregado familiar	Contando consigo, quantas pessoas - incluindo crianças - fazem habitualmente parte do seu agregado familiar?	
Dimensão do habitat	Qual a frase que melhor descreve o sítio onde vive?	Inversão da escala para: 1= Uma casa ou uma quinta isolada no campo; 2= Uma aldeia; 3= Uma vila ou uma pequena cidade; 4= Os subúrbios ou arredores de uma grande cidade; 5= Uma grande cidade
Grau de religiosidade	Independentemente de pertencer a uma religião em particular, numa escala de 0 a 10, diria que é uma pessoa... (0= Nada religiosa a 10= Muito religiosa)	
Satisfação com a vida	Tudo somado, qual é o seu grau de satisfação com a vida em geral? (0= Extremamente insatisfeito a 10= Extremamente satisfeito)	

Dificuldades económicas	Qual das seguintes descrições se aproxima mais do que sente relativamente ao rendimento actual do seu agregado familiar? (1= O rendimento actual permite viver confortavelmente; 2= O rendimento actual dá para viver; 3= É difícil viver com o rendimento actual; 4= É muito difícil viver com o rendimento actual)	
Nível de insegurança sentido	Qual o nível de segurança que sente quando anda sozinho/a no seu bairro depois de escurecer? (1= Muito seguro/a; 2= Seguro/a; 3= Inseguro/a; 4= Muito inseguro/a)	
Autoposicionamento político (esquerda)	Em política é costume falar-se de esquerda e direita. Como é que se posicionaria nesta escala, em que 0 representa a posição mais à esquerda e 10 a posição mais à direita?	Recodificação dos códigos das categorias para: 0-4 = 1; 5 = 0
Autoposicionamento político (direita)	Em política é costume falar-se de esquerda e direita. Como é que se posicionaria nesta escala, em que 0 representa a posição mais à esquerda e 10 a posição mais à direita?	Recodificação dos códigos das categorias para: 6-10 = 1; 5 = 0
Simpatia partidária (sim)	Há algum partido pelo qual sinte mais simpatia do que pelos outros?	Recodificação dos códigos das categorias para: sim = 1; não = 0
Satisfação com a democracia	No geral, qual o seu grau de satisfação com o funcionamento da democracia no seu país? (0= Extremamente insatisfeito a 10= Extremamente satisfeito)	
Satisfação com o desempenho do governo	Pense agora no Governo do seu país. Qual é o seu grau de satisfação com a forma como o Governo está a atuar? (0= Extremamente insatisfeito a 10= Extremamente satisfeito)	
Satisfação com o desempenho económico	De um modo geral qual o seu grau de satisfação com o estado actual da economia do seu país? (0= Extremamente insatisfeito a 10= Extremamente satisfeito)	
Confiança social	De uma forma geral, acha que todo o cuidado é pouco quando se lida com as pessoas ou acha que se pode confiar na maioria das pessoas? (0= Todo o cuidado é pouco a 10= A maioria das pessoas é de confiança)/ Acha que a maior parte das pessoas tentam aproveitar-se de si sempre que podem, ou pensa que a maior parte das pessoas são honestas? (0= tentam aproveitar-se de mim a 10= São honestas)/ Acha que, na maior parte das vezes, as pessoas estão preocupadas com elas próprias ou acha que tentam ajudar os outros? (0= As pessoas estão preocupadas com elas próprias a 10= As pessoas tentam ajudar os outros)	Construção de um índice sintético agregando estas 3 variáveis ($\alpha = 0,77$)

Convivência social	Com que frequência convive com amigos, familiares ou colegas de trabalho? (1= Nunca a 7= Todos os dias)	
TV	Num dia de semana normal, do tempo que passa a ver televisão, quanto é dedicado a notícias ou programas acerca de política e assuntos de actualidade? (0 =Nenhum a 7=Mais de três horas)	
Rádio	Num dia de semana normal, do tempo que passa a ouvir rádio, quanto é dedicado a notícias ou programas acerca de política e assuntos de actualidade? (0 =Nenhum a 7 =Mais de três horas)	
Jornais	Num dia de semana normal, do tempo que passa a ler jornais, quanto desse tempo é passado a ler sobre política e assuntos de atualidade? (0 =Nenhum a 7 =Mais de três horas)	

Quadro D.2 Variáveis independentes de nível agregado:

	Fonte	Descrição
Anos de democracia	DPI - Database of Political Institutions, Development Research Group of the World Bank	Tempo de democracia
Índice de Desenvolvimento Humano	UNDP - United Nations Development Programme	Índice de Desenvolvimento Humano (IDH): composto de variáveis de expectativa de vida, nível de educação e PIB per capita (0-1)
Coeficiente de Gini	World Bank	Medida da igualdade da distribuição do rendimento (0-1)
Corrupção subjectiva	Transparency International	Medida dos níveis percebidos de corrupção do setor público (100-0)